

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Branca de Abreu Azevedo

**A representação do feminino na tradição literária irlandesa do
ciclo de Ulster**

O caso da rainha Medb

Monografia apresentada à Graduação em História da PUC-Rio como
requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História

Orientadores: Marcos Guedes Veneu (PUC-Rio) e Pedro Vieira da Silva
Peixoto (UFRJ)

Rio de Janeiro,

Junho de 2025

Aos meus pais.

Agradecimentos

A meus pais, João Flávio e Cláudia, que sempre me apoiaram em minhas decisões e a quem eu amo incondicionalmente.

Às professoras da minha família, Marly e Renata, que me ensinaram a importância da Licenciatura.

A Ana Clara, minha eterna colega de turma, mesmo depois dos tempos da escola. Caminhamos juntas sempre.

A João Victor, pelo companheirismo, pela confiança, e pelas horas estudando comigo ao lado do computador, enquanto eu escrevia. Te amo.

A todos os colegas que fiz durante a graduação; em especial Clara, Bernardo, Pedro e Lukas, que tornaram esses anos extremamente prazerosos e especiais.

Aos meus amigos e ao meu professor do curso de língua alemã, sempre interessados em aprender mais sobre literatura antiga e medieval.

A todos os professores e funcionários do Departamento de História da PUC-Rio, que me acolheram com muito carinho e me ajudaram durante todo o processo de graduação. Agradeço especialmente à minha tutora do PET-História, Juçara B. de Mello, que me acompanhou por mais da metade da minha trajetória acadêmica.

A meu orientador, Marcos Guedes Veneu, responsável por acender meu interesse em História Antiga e Medieval desde meus primeiros semestres na PUC.

A meu co-orientador, Pedro Vieira da Silva Peixoto, que me recebeu em seu laboratório na UFRJ e me introduziu às possibilidades dentro dos estudos ‘celtas’.

À PUC-Rio, por ter me concedido uma bolsa integral de estudos, e cujo *campus* sempre guardará minhas mais queridas memórias da graduação.

À CAPES, pelo incentivo durante o PIBID e o PET, programas que certamente foram essenciais para minha formação como historiadora e professora.

Resumo

O presente trabalho pretende explorar a tradição literária irlandesa do ciclo de Ulster, cuja narrativa central é o épico *Táin Bó Cúailnge*. Por meio de um estudo de caso acerca da personagem de Medb, o objetivo é analisar a representação feminina nos manuscritos. Ao investigar a vivência das mulheres no Alto Medievo irlandês, a pesquisa procura resgatar a historicidade de Medb no contexto de produção das obras, comparando-a também às demais personagens femininas presentes no ciclo, com o intuito de identificar como Medb pode se inserir no imaginário coletivo do período.

Palavras-chave: Ciclo de Ulster; *Táin Bó Cúailnge*; Irlanda; Alto Medievo; Representações de gênero.

Abstract

This work aims to explore the Irish Ulster Cycle and its core text, the *Táin Bó Cúailge*. Through a case study on the character of Medb, the main goal is to analyze female representation in the manuscripts. By investigating women's lives in Early Medieval Ireland, one can recover Medb's historicity within the context in which the tales were produced, while comparing her to other female characters in the Ulster Cycle. Ultimately, this study aims to identify how Medb may have been integrated in the collective imagination of the time period.

Keywords: Ulster Cycle; *Táin Bó Cúailge*; Early Ireland; Women's studies; Gender studies.

Sumário

Introdução	6
1. O <i>status</i> social e político das mulheres no Alto Medievo irlandês: o contexto de produção do <i>Táin</i>.	9
1.1. A organização social e política da Irlanda Medieval	9
1.2. A organização jurídica	12
2. Apresentação das fontes	18
2.1. <i>Táin Bó Cúailnge</i>	18
2.2. <i>Ferchuitred Medba</i> ou <i>Cáth Bóinde</i>	21
3. A rainha Medb como produto literário e histórico	24
3.1. Uma breve problematização do modelo analítico da deusa da soberania	24
3.2. Os artifícios narrativos empregados para a construção de Medb	27
4. Estudo comparativo entre Medb e outras personagens femininas do ciclo de Ulster	36
4.1. A entidade Morrígan	36
4.2. O feminino liminar: a guerreira Scáthach e a profeta Fedelm	37
4.3. Finnabair, filha de Medb	39
Considerações finais	41
Fontes textuais	43
Bibliografia	43

Introdução

A literatura do ciclo de Ulster irlandês pode ser encontrada em duas grandes coletâneas de manuscritos do século XII: o *Lebor na hUidre*, datado por volta de 1106, e o *Book of Leinster*, datado por volta de 1160. Ambos contêm a narrativa central do ciclo, o *Táin Bó Cúailnge* (em português, *A Razia de Gado de Cooley*); todavia, o segundo manuscrito preserva a versão mais completa da saga. Um compilado mais tardio, do século XIV, chamado *The Yellow Book of Lecan*, inclui sagas anteriores ao *Táin*, além de uma versão nova e fragmentada do épico. A obra parece ter sido escrita em uma versão da língua irlandesa datada do século XII, apesar de existirem passagens que evocam uma linguagem poética ainda mais antiga¹. Ainda, o ciclo inclui outros contos pré-*Táin*, denominados *Remscéla*², e contam a história da rivalidade entre as províncias de Ulster, no norte da Irlanda, e de Connacht, no oeste.

O tema principal do épico trata de uma tentativa de roubo de gado³, empreitada por dois governantes da província de Connacht - o rei Ailil e a rainha Medb -, que contavam com o auxílio de seu exército, bem como de grupos representativos de outras províncias. Ailil e Medb buscavam obter o touro Donn Cúailnge (em português, o touro marrom de Cooley), que habitava a província de Ulster, sob o governo do rei Conchobar. Concomitantemente, os homens de Ulster sofriam de uma estranha doença, que os incapacitava, deixando a província sem defesa própria além da presença de um jovem de dezessete anos, Cúchulainn - ou Cú Chulainn -, que deve proteger sozinho os limites da província até que o rei e o exército se recuperem suficientemente para montar uma contra-ofensiva.

Ao longo do último século, diferentes olhares têm sido lançados sobre essa documentação textual. Dentre outros aspectos das sociedades tardo-antigas e medievais, a posição social, política e econômica das mulheres segue chamando a

¹ DOOLEY, Ann. **Playing the Hero: reading the Irish saga Táin Bó Cúailnge**. Toronto: University of Toronto Press, 2006, p. 1.

² NÍ BHROLCHÁIN, Muireann. **An Introduction to Early Irish Literature**. Dublin: Four Courts Press, 2009, p. 42.

³ O termo 'Táin Bó', em irlandês, faz referência a um tipo específico de narrativa cujo principal tema é o roubo ou a razia de gado. Nesse sentido, o roubo de gado é recorrente na literatura irlandesa do período, e o *Táin Bó Cuailnge* não seria a única obra que trata do assunto. Cf. SANTOS, Dominique; FARRELL, Elaine. *Táin Bó Cúailnge: Um Épico Irlandês*. In: SANTOS, Dominique. (org.). **Grandes Epopeias da Antiguidade e do Medievo**. Blumenau: Eifurb, 2014, p. 2.

atenção de diversos acadêmicos; um assunto dominado por convergências e divergências, ainda nos dias atuais. Nesse sentido, a seguinte pesquisa pretende debruçar-se sobre a representação do feminino no ciclo de Ulster e no *Táin*, através do estudo da personagem da rainha Medb. Além de ser um dos principais exemplos da figura da mulher guerreira medieval, Medb (ou Medb de Crúachan⁴) possui notavelmente maior agência e centralidade no fio condutor do *Táin*. A ‘criação’ de Medb parece ser uma das conquistas literárias mais notáveis do épico⁵. Dentro do contexto narrativo, Medb se destaca por sua exacerbada liberdade sexual e afetiva, relacionando-se com diferentes homens ao longo das sagas e mantendo vínculos tanto matrimoniais quanto adúlteros. A personagem também toma decisões imperativas para seu exército durante o roubo de gado, assumindo o papel de líder militar e política.

Sob essa perspectiva, considerando Medb e as representações de gênero no ciclo de Ulster como objeto de estudo, o primeiro capítulo do trabalho será dedicado a formular um quadro geral das condições sociais, políticas e jurídicas das mulheres no Alto Medieval irlandês. A priori, explorar-se-á o que as escavações arqueológicas na Irlanda nos informam sobre o espaço ocupado por essa população na economia e nos espaços de convivência do período. Ainda, serão investigadas as fontes jurídicas disponíveis para expandir a análise, identificando qual era a amplitude da capacidade legal da mulher medieval.

O segundo capítulo terá como intuito somente apresentar um sumário ampliado e detalhado da história narrada no ciclo de Ulster. A presente monografia pretende explorar a versão do *Táin Bó Cúailnge* presente no *Book of Leinster* e a versão presente no *Lebor na hUidre*, que serão aqui referidas como TBC LL e TBC LU, respectivamente. Utilizar-se-á, nos dois casos, a tradução e a transcrição propostas por Cecille O’Rahilly⁶. Apenas um conto da *Remscéla* será analisado como fonte, o *Cáth Bóinde* (em português, *A Batalha de Boyne*), também conhecido como

⁴ Tradução autoral. Em irlandês, seu nome seria Medb Chruachna, e em inglês, Medb of Crúachan.

⁵ DOOLEY, Ann. **Playing the Hero: reading the Irish saga Táin Bó Cúailnge**. Toronto: University of Toronto Press, 2006, p. 11.

⁶ O’RAHILLY, Cecille. **Táin Bó Cúailnge from the Book of Leinster**. Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies, 1970; _____. **Táin Bó Cúailnge: Recension I**. Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies, 1976.

Fertruiched Medba (em português, *A Porção de Maridos de Medb*). As traduções utilizadas pertencem a Tomás O'Maille e a Joseph O'Neill⁷.

A partir do terceiro capítulo, a personagem de Medb será o foco principal do texto. Em primeiro plano, será analisada a produção historiográfica sobre Medb, especialmente nos campos dos estudos linguísticos e da mitologia comparada do século XX. Considerando o papel substancial da tradição oral e pré-cristã nas origens da documentação, foi comumente aceita na academia a interpretação de Medb como uma possível deusa da soberania, resquício de um passado 'celta' da Irlanda. Rejeitando tal leitura, faz-se necessário explorar os artifícios narrativos empregados para construir a personagem de Medb, no *Táin Bó Cúailnge* e no *Cáth Bóinde*, levantando breves convergências e divergências em relação ao contexto histórico de produção das obras - um contexto necessariamente cristianizado -, apresentado no primeiro capítulo.

Finalmente, o quarto e último capítulo busca realizar uma comparação investigativa entre Medb e outras personagens femininas do ciclo de Ulster: a entidade mitológica Morrigan; a guerreira Scáthach; a profeta Fedelm, e Finnabair, filha de Medb. O objetivo é examinar como a percepção do gênero feminino é compreendido para cada uma das personagens, reservando especial atenção a suas diferenças e semelhanças em relação a Medb. Busca-se, desse modo, agregar à pesquisa acadêmica brasileira na área de História das mulheres e das relações de gênero Antiguidade Tardia e do Medievo, que é notavelmente escassa dentro do recorte geográfico da Irlanda⁸.

⁷ Ó MÁILLE, Tomás. **Medb Chruachna**. Zeitschrift für celtische Philologie, v. 17, 1980, pp. 129-146. O'NEILL, Joseph. **Cáth Bóinde**. Ériu, v. 2, 1905, pp. 173-185.

⁸ Inegavelmente, já existem textos produzidos por acadêmicos brasileiros que traçam panoramas gerais sobre o tema, como o capítulo 'Táin Bó Cuailnge: Um épico irlandês', redigido por Elaine Farrell e Dominique Santos e inserido na coleção de 2014 'Grandes Epopeias da Antiguidade e do Medievo'. Farrell e Santos abordam as origens do Táin, seus personagens, sua inserção no ciclo de Ulster, e seus usos políticos na contemporaneidade irlandesa. Destacam-se também os escritos do historiador Erik Wroblewski, que abordam o pano de fundo político da Antiguidade Tardia na Irlanda como uma maneira de pensar o Táin. Além disso, a historiadora Beatriz Galvão Abrantes parece ter sido a primeira autora, no Brasil, a trazer a perspectiva de gênero como lente analítica para o Táin. Contudo, a impressão é que a discussão mais aprofundada a respeito da representação do feminino no Táin, e, em particular, da personagem de Medb, ainda não foi adentrada propriamente dentro da pesquisa em História no Brasil. Cf: ABRANTES, Beatriz G. **Perspectivas de gênero no épico gaélico Táin Bó Cuailnge**. X Encontro Nacional de História, ANPUH, Bahia, 2020; SANTOS, Dominique; FARRELL, Elaine. Táin Bó Cúailnge: Um Épico Irlandês. In: SANTOS, Dominique (org.). **Grandes Epopeias da Antiguidade e do Medievo**. Blumenau: Eifurb, 2014; WROBLEWSKI, Erik.

1. O *status* social e político das mulheres no Alto Medievo irlandês: o contexto de produção do *Táin*.

1.1. A organização social e política da Irlanda Medieval

Se estabelecemos que o *Táin* Bó Cúailnge e os outros contos do ciclo de Ulster não seriam espelhos ou janelas⁹ para uma suposta história pagã celta, é valioso analisar o contexto no qual tais obras foram produzidas, entendendo que este moldou sua narrativa. Para além disso, é necessário explorar os espaços que as mulheres ocupavam no Alto Medievo irlandês, e, assim, compreender a figura da rainha Medb em sua totalidade.

A existência de Medb, a priori, não nos revelaria muito sobre o cotidiano de mulheres reais. A evidência arqueológica do período nos diz mais sobre a paisagem - *landscape* - do território irlandês e suas construções, fornecendo informações sobre os modos de ocupação e de habitação do espaço físico, que, por consequência, nos expõe também aos diferentes espaços sociais. A arqueologia, então, indica que mulheres se moviam em espaços e grupos pequenos¹⁰. Sair desses espaços - adentrar áreas ‘não civilizadas’, como bosques e pântanos - era um movimento perigoso e arriscado¹¹. O clima na Irlanda, notoriamente chuvoso, dificultava a mobilidade para além do espaço doméstico. Os lugares de convívio coletivo eram os monastérios, fortes reais, moinhos e parques, mas os da vida privada eram as fazendas; isoladas ou em pequenas aglomerações¹².

Os assentamentos da Irlanda tardo-antiga e medieval eram essencialmente rurais. Os únicos centros nativos de população que poderiam carregar as funções das comunidades urbanas eram os monastérios mais largos (antes da fundação, pelos invasores Vikings, dos portos de trocas comerciais nos séculos IX e X). A natureza fragmentada da paisagem fez surgir fazendas espalhadas e assentamentos

Fragmentação e Unidade Política na Irlanda Tardo Antiga: O caso da *Táin* Bó Cúailnge. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008; _____. ***Táin* Bó Cúailnge: Versões e Background Histórico.** Revista Vernáculo, v. 1920, 2007.

⁹ JACKSON, Kenneth. **The Oldest Irish Tradition: A Window on the Iron Age.** Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

¹⁰ BITEL, Lisa M. The Texts and the Tellers of Women's Tales. In: _____. **Land of women: tales of sex and gender from early Ireland.** New York: Cornell University Press, 1998, p. 7.

¹¹ Ibid.

¹² Ibid, p. 4.

‘não-nuclearizados’¹³. Dentro desse panorama, não seria arriscado pontuar que a Igreja e o cristianismo provavelmente detinham significativo poder na mentalidade da população irlandesa, mesmo com a possível permanência de tradições pré-cristãs.

A terra era dividida entre unidades pequenas e fragmentadas, cada uma ocupada por uma tribo¹⁴ (*túath*). Como em outras sociedades pré-modernas, o parentesco (*kinship*), baseado em genealogias reais ou ficcionais, era o princípio fundamental da organização política¹⁵. Tal princípio era traçado a partir da noção de *derbfine*, que incluía todos os homens com um bisavô agnático em comum¹⁶. A partir do século VIII, a quantidade de parentes incluídos no mesmo círculo de parentesco diminui para um grupo de três ou quatro gerações, denominado *gélfine*, um conjunto de homens com o mesmo avô agnático¹⁷. Uma casa consistia de uma *gélfine*; em alguns cercamentos, mais de uma ou duas unidades domésticas viviam em construções adjacentes¹⁸. Além dos parentes, a convivência doméstica era com os servos, pessoas de classes mais baixas, que compartilhavam esses cercamentos¹⁹.

A hierarquia social da Irlanda medieval era baseada em um cotidiano de relações complexas entre lordes e clientes. Em primeiro plano estavam os reis ou rí²⁰, que poderiam governar sobre uma *túath*, ou sobre três ou quatro *túath*. Havia, ademais, o conceito de ‘rei dos reis’, apesar de não existir um rei do território irlandês em sua totalidade. A noção de realeza era, portanto, mais limitada que a de parentesco, indicando a fragmentação política do território e a falta de senso de unidade territorial. Em seguida, existiam as variações da nobreza, incluindo artistas,

¹³ EDWARDS, Nancy. **The Archaeology of Early Medieval Ireland**, Philadelphia: Routledge, 1996, p. 6.

¹⁴ Existem certos debates historiográficos sobre o uso da palavra tribo para descrever a sociedade irlandesa medieval, tendo em vista a conotação negativa vinculada a esta. Cf: BYRNE, Francis J. **Tribes and tribalism in early Ireland**. Ériu, v. 22, 1971, pp. 128–166.

¹⁵ BITEL, Lisa M. The Texts and the Tellers of Women’s Tales. In: _____. **Land of women: tales of sex and gender from early Ireland**. New York: Cornell University Press, 1998, p. 7.

¹⁶ EDWARDS, Nancy. **The Archaeology of Early Medieval Ireland**, Philadelphia: Routledge, 1996, p. 8.

¹⁷ Ibid, p. 55.

¹⁸ Foram escavadas em Aughnabrackm, Ballyutoag (no condado de Antrim), casas redondas pertencentes a uma vila medieval transhumante. Cf: Ibid, p. 46.

¹⁹ Ibid, p. 8.

²⁰ Ibid.

artesãos e guerreiros, e seus respectivos clientes. A troca de serviços realizada pelos últimos envolvia, em geral, a agricultura e a criação de gado²¹.

No topo da organização social, havia também a classe dos literatos (ou *literati*), que viviam imersos na cultura da nobreza, fundidos com seus valores e princípios. Faziam parte de uma elite letrada e intelectual, e podem ser divididos em quatro categorias: *ecnae* ou *fer léigind*, um acadêmico do latim; *brithem*, um jurista; um historiador ou profissional da genealogia, *senchaid*; e um *filid*, poeta ou contador de histórias²². Sendo clérigos ou leigos, os *literati* eram, sem exceções, treinados em comunidades monásticas²³. As fontes textuais - tratados legais, sagas, histórias, genealogias, anais - provém do ofício dessa classe.

A historiografia da Irlanda tardo-antiga e medieval muito deliberou sobre a influência da cultura oral e pré-cristã nos documentos produzidos pelos *literati*. As discussões eram marcadas, de modo geral, por um embate entre acadêmicos nativistas e anti-nativistas no século XX. Os nativistas buscavam provar que os *literati* eram meros transmissores de uma tradição pagã, existente na Irlanda antes da cristianização. Em contraponto, os acadêmicos anti-nativistas²⁴ levantavam o argumento da impossibilidade de isolar os textos de seu contexto de produção, essencialmente cristianizado. Assim, quando pensamos nas mulheres retratadas nos manuscritos irlandeses, é ideal também ter em mente a influência do cristianismo e da cristianização em seu processo de escrita.

Não muito diferente de outras sociedades tardo-antigas e medievais da Europa, a sociedade irlandesa era patriarcal e ‘todos os aspectos sociais, legais, políticos e culturais da vida eram dominados pelos homens’²⁵. Ao mesmo tempo, todas as fontes, de cunho textual ou arqueológico, fazem referência à importância da influência da mulher na administração da economia doméstica; a tecelagem, a costura, a fiação e a produção têxtil, no geral, estavam sob sua responsabilidade. A

²¹ Ibid.

²² MCCONE, Kim. **Pagan past and Christian present in Early Irish literature**. Maynooth: An Sagart, 1990, p. 22.

²³ Ibid.

²⁴ Entre estes destaca-se principalmente o acadêmico Kim McCone, pioneiro do anti-nativismo dentro dos estudos irlandeses.

²⁵ “(...) *every aspect of social, legal, political and cultural life was dominated by men*”. Tradução autoral. Cf: Ó CRÓINÍN, Dáibhí. **Early Medieval Ireland (400-1200)**. New York: Routledge, 2013.

contribuição da mulher para a economia comum do casamento era, então, tão importante para a sobrevivência quanto a de seu marido²⁶.

1.2. A organização jurídica

Os textos jurídicos, em particular, revelam especiais *insights* em relação aos espaços sociais ocupados por mulheres na Antiguidade Tardia e no Medievo irlandês. Parte significativa da historiografia sobre o direito irlandês utiliza como referência o compilado *Corpus Iuris Hibernici*²⁷, que contém uma série de tratados legais redigidos nos monastérios a partir do século VII, tanto em latim como em irlandês vernáculo. Tais documentos registram as leis canônicas do catolicismo irlandês, bem como as leis seculares e tradicionais²⁸ da Irlanda - nesse sentido, não é surpreendente a ocorrência de contradições no corpo textual dos manuscritos.

Aqui, chamo especial atenção ao *Cáin lánamna*²⁹ - ou *The Law of Couples* -, tratados sobre a instituição legal do casamento, a mulher e a divisão de bens. Através da leitura do *Cáin*, faz-se nítida a presença da poliginia nos casamentos do Alto Medievo irlandês. A maior parte dos textos estabelece uma distinção clara entre dois tipos de esposa: uma ‘esposa primária’ (*chief wife* ou *cétmuintir*), e uma concubina, ou uma ‘esposa secundária’ (*adaltrach* ou *dormun*). Em segundo plano, o texto *Bretha Crólige* admite que ‘há um embate na lei irlandesa em relação à adequação de se manter várias uniões sexuais ou apenas uma’³⁰.

²⁶ Ó CORRÁIN, Donnchadh. Women in Early Ireland. In: MAC CURTAIN, Margaret; Ó CORRÁIN, Donnchadh (Ed). **Women in Irish Society: The Historical Dimension**. Connecticut: Greenwood Press, 1979, p. 5.

²⁷ BINCHY, D. A. (Ed.). **Corpus Iuris Hibernici**. 6 v. Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies, 1978.

²⁸ As leis em irlandês vernáculo informam sobre práticas sociais da Irlanda tardo-antiga e medieval, mas não se relacionam diretamente com as instituições do passado pagão irlandês, tendo em vista que foram registradas dentro de um contexto monástico.

²⁹ Aqui, são utilizadas duas interpretações do *Cáin lánamna*; uma realizada por Donnchadh Ó Corráin, e outra realizada por Fergus Kelly. Cf: KELLY, Fergus. **A Guide to Early Irish Law**. Early Irish Law Series, v. 3. Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies, 1988; Ó CORRÁIN, Donnchadh. Marriage in early Ireland. In: COSGROVE, Art (Ed.). **Marriage in Ireland**. Dublin: College Press, 1985, pp. 5-24; Ó CORRÁIN, Donnchadh. Women and the law in early Ireland. In: O'DOWD, Mary; WICHERT, Sabine (Ed). **Chattel, servant or citizen: women's status in church, state and society**. Belfast: Institute of Irish Studies, Queen's University, 1995, v.19, pp. 45-57.

³⁰ “The author of *Bretha Crólige* frankly admits that there is dispute in Irish law as to whether it is proper to have many sexual unions or a single one.”. Tradução autoral. Cf: KELLY, Fergus. **A Guide to Early Irish Law**. Early Irish Law Series, v. 3. Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies, 1988, p. 2.

Ainda sobre o *Bretha Crólige*, o manuscrito realiza uma distinção entre três tipos de esposa, ranqueadas por ordem de importância; a ‘esposa primária’ ou *chief wife* (*ben hi coir lanamnusa*); uma segunda esposa (*ben tanaise*); e outras possíveis esposas (*ben olchena*)³¹. O autor também distingue o tratamento de cada uma quando há a necessidade de cuidados, em situação de doença ou lesão (*sick-maintenance*)³². Todas recebiam uma quantidade menor de alimentos que seu marido, sendo proporcional ao seu ‘preço de honra’ (*honor-price*)³³. Isso integra o argumento de que, essencialmente, tais mulheres eram delegadas a uma posição de incapacidade legal e social.

A respeito da herança em diferentes tipos de união, o *Cáin lánamna* estabelece que os todos os filhos, independentemente do matrimônio do qual provém, teriam direito à herança; porém, nem todas as esposas gozariam do mesmo *status*. A conexão legal da concubina com seu marido é mais flexível que a da esposa; a concubina poderia escolher entre o vínculo jurídico com seu filho, seu *kin* ou seu esposo, enquanto a *cétmuinte* estaria, inequivocamente, sob a ordem de seu marido, a não ser que este descumpra suas obrigações matrimoniais. Por outro lado, os direitos, o *status* e as garantias concedidas legalmente às esposas primárias são duas vezes maiores que aquelas concedidas às concubinas³⁴. É fácil de pressupor que a Igreja não assumia uma posição favorável à prática da poliginia, mas, tendo em vista os registros jurídicos, também se pode deduzir que as tentativas de impedi-la obtiveram sucesso limitado.

O arranjo do casamento - em particular aqueles mais formais - era realizado normalmente pelas famílias do casal, sendo o noivado (*airnaidm*) um contrato de garantias sustentado por ambas³⁵. O noivo deveria conceder, ao pai da noiva, um dote - *coibche* ou *bride-price* -, e a noiva teria direito a uma porção deste, a não ser que oculte o recebimento do *coibche* de seu próprio pai³⁶. Sendo assim, o casamento era

³¹ Ibid. p. 70.

³² A lei irlandesa delimita e caracteriza o conceito de *sick-maintenance* como uma instituição. Cf: Ibid, p. 130.

³³ O *honor-price* diz respeito à capacidade do indivíduo de responder perante a lei. Tendo em vista que determinados tratados salientam a incapacidade legal de mulheres, mas acabam por delegar a ela um *honor-price*, existe uma contradição inerente ao conceito. Cf: Ibid, p. 6.

³⁴ Ibid, p. 71.

³⁵ Ibid.

³⁶ Ibid, p. 72.

movido principalmente pelos interesses dos parentes de ambas as partes, sinalizando novamente a centralidade do parentesco na sociedade medieval e tardo-antiga irlandesa. Em alguns casamentos, há uma contribuição significativa, em termos de propriedade, de ambas as partes (*lánamnas comthinchuir*)³⁷ e em outros, a propriedade advém quase inteiramente da parte da mulher (*lánamnas fir for bantinchur*). Existe, ainda, o tipo de casamento onde a mulher traz ao acordo a preponderância de bens, nomeado *lánamnas for bantinchur*³⁸.

Diferente da maior parte das formas de casamento em outras sociedades medievais, que colocam grande peso na virgindade da noiva (*bridal virginity*), os textos irlandeses não apresentam nenhuma consequência legal para a esposa não-virgem. Contudo, a virgindade era, sim, uma expectativa para a esposa na noite nupcial³⁹. Ao mesmo tempo, a importância dada à genealogia, observada através do registro textual massivo e sistemático de material genealógico (as genealogias irlandesas⁴⁰), nos informa que a paternidade do homem, especialmente daquele que não era de linhagem real, era central. Pode-se pressupor, por conseguinte, que uma sociedade que valorizava tanto a paternidade também honrava a fidelidade marital e a virgindade da noiva⁴¹.

Determinados tratados jurídicos dissertavam sobre o núcleo familiar da Irlanda tardo-antiga e medieval. O texto *Cáin Iarraith*⁴², nesse sentido, deliberava sobre a instituição denominada *fosterage* - a criação e educação de crianças por outras famílias não-biológicas -, que era tradicional e ocupava uma posição central na Irlanda, mesmo antes do advento do cristianismo. Tal prática se originava na

³⁷ Mediante dissolução deste tipo de união, cada parceiro receberia de volta sua contribuição para o matrimônio, junto com o lucro extraído de suas atividades conjuntas. Cf: Ó CRÓINÍN, Dáibhí. **Early Medieval Ireland (400-1200)**. New York: Routledge, 2013, p. 197.

³⁸ Ó CORRÁIN, Donnchadh. Marriage in early Ireland. In: COSGROVE, Art (Ed.). **Marriage in Ireland**. Dublin: College Press, 1985, p. 2.

³⁹ Informação retirada da tríade 126, parte integrante das 'Triades da Irlanda' (*Triads of Ireland*), manuscritos que versam, dentre outros assuntos, sobre os costumes irlandeses. Cf: KELLY, Fergus. **A Guide to Early Irish Law**. Early Irish Law Series, v. 3. Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies, 1988, p. 72.

⁴⁰ Ó CORRÁIN, Donnchadh. **Creating the past: the early Irish genealogical tradition**. Peritia, v. 12, 1998, pp. 177-208.

⁴¹ KELLY, Fergus. **A Guide to Early Irish Law**. Early Irish Law Series, v. 3. Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies, 1988, p. 73.

⁴² Ó CRÓINÍN, Dáibhí. **Early Medieval Ireland (400-1200)**. New York: Routledge, 2013, p. 402; KELLY, Fergus. **A Guide to Early Irish Law**. Early Irish Law Series, v. 3. Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies, 1988, p. 86-90.

necessidade de forjar alianças estratégicas para além do próprio círculo familiar de um indivíduo, o *kin*, e nesse sentido sua natureza era essencialmente política.

Entre as meninas de classes mais altas, o *fosterage* significava a realização de um treinamento vocacional, e estas aprendiam a administrar um espaço doméstico nobre. Para as classes mais baixas, o treinamento era voltado para servir a seus superiores. Depois da adolescência, a expectativa era que se casassem e comesçassem sua própria família. A culminância de sua vocação era encontrar um homem para casar e, com ele, se reproduzir, atingindo assim o objetivo de seu *kinfolk*⁴³. Reiterando novamente a tradição irlandesa de registro genealógico, interessa-nos apontar que, muito provavelmente, tal objetivo era imposto também sobre o homem; a fim de manter viva sua linhagem através da reprodução, era preciso adequar-se aos papéis de gênero e encontrar uma boa esposa.

Outro detalhamento importante oferecido pelos juristas medievais são os tratados sobre o divórcio. As leis eram mais rígidas em relação a mulheres que não realizavam seus serviços adequadamente (*made a mess out of everything*)⁴⁴ e concediam ao marido a possibilidade de divórcio sob essas circunstâncias. Outrossim, as leis de divórcio acabavam por favorecer mais aos homens que às mulheres. Entretanto, a lei irlandesa era relativamente liberal, permitindo o divórcio para mulheres em condições generosas e favoráveis, e demonstrando preocupação pela dignidade e individualidade da esposa no matrimônio⁴⁵. Parte significativa do *Cáin lánamna* trata da divisão de propriedade no divórcio. Esse acordo depende do *status* do casamento, da quantidade de bens que cada parte ofereceu ao matrimônio, e da proporção de trabalho doméstico (*aurgnam*) realizada por cada parte. Em alguns casos, a mulher poderia receber de volta seu dote, caso o divórcio se prove justificado⁴⁶.

⁴³ BITEL, Lisa. The Texts and the Tellers of Women's Tales. In: **Land of women: tales of sex and gender from early Ireland**. New York: Cornell University Press, 1998, p. 9.

⁴⁴ Ó CRÓINÍN, Dáibhí. **Early Medieval Ireland (400-1200)**. New York: Routledge, 2013, p. 198.

⁴⁵ Ó CORRÁIN, Donnchadh. Women in Early Ireland. In: MAC CURTAIN, Margaret; Ó CORRÁIN, Donnchadh (Ed). **Women in Irish Society: The Historical Dimension**. Connecticut: Greenwood Press, 1979, p. 5 apud BINCHY, D. A. (Ed.). **Corpus Iuris Hibernici**. 6 v. Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies, 1978.

⁴⁶ Os casos em que o divórcio era justificado são os seguintes: “Se ele [o marido] a repudia por outra mulher, ela [sua esposa] tem a liberdade de deixá-lo, com o direito de permanecer na casa, se desejar. Ela pode também deixá-lo se este falhar em apoiá-la; se espalhar uma história falsa sobre ela; se fizer circular uma sátira sobre ela, ou se enganou-a por feitiçaria. Um marido pode bater em sua mulher para

Os tratados jurídicos parecem comprovar, de certa maneira, a fraqueza do poder legal designado à mulher na Irlanda do Alto Medievo. O *Corpus Iuris Hibernici*, por exemplo, esclarece que uma mulher deve estar sempre sob a guarda de alguém, e, portanto, vinculada a um homem - marido, se esta for casada; caso contrário, ou à Igreja -, e sua posição derivava dessa realidade. Sem a autorização de seus superiores, a mulher irlandesa não seria capaz de vender ou comprar ou realizar quaisquer transações⁴⁷. Em casos de estupro ou injúrias sexuais, a lei versa que as compensações devem ser recebidas pelos homens aos quais a mulher está submetida⁴⁸, indicando que, mesmo quando o crime é infligido contra a própria mulher, esta não teria voz para respondê-lo. É duvidoso, assim, afirmar que a mulher irlandesa possuía total independência legal.

Em oposição, determinados trechos do *Corpus Iuris Hibernati* demonstram que o espaço jurídico ocupado por mulheres não era necessariamente tão rígido. Apesar das fontes principais concordarem, de um modo geral, em um banimento generalizado do testemunho feminino em casos jurídicos⁴⁹, são observáveis determinadas exceções para tal regra, e as evidências oferecidas por mulheres eram não apenas consideradas, mas também conclusivas, nos casos tangentes a essas exceções⁵⁰.

corrigi-la, mas esta pode se divorciar se o golpe causar uma marca. Várias falhas sexuais da parte do marido também providenciam razões para o divórcio. Ela pode se divorciar dele se este for impotente (...) ou se ele se torna tão gordo ao ponto de ser incapaz de coito. A prática da homossexualidade é outra razão para o divórcio: uma esposa pode divorciar seu marido se ele desacata do casamento e prefere se deitar com meninos. Um homem infértil também pode ser divorciado, apesar de não ser claro como sua esterilidade pode ser provada, a não ser que a esposa já tinha demonstrado sua fertilidade ao conceber um filho de outro homem (...). Por fim, ela pode se divorciar se seu marido está em ordens sagradas, porque não é fácil conciliar suas obrigações mútuas (*cuindiged*): a esposa e a Igreja.”. Tradução autoral. Cf: KELLY, Fergus. **A Guide to Early Irish Law**. Early Irish Law Series, v. 3. Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies, 1988, p. 74.

⁴⁷ Ibid.

⁴⁸ KELLY, Fergus. **A Guide to Early Irish Law**. Early Irish Law Series, v. 3. Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies, 1988, p. 134.

⁴⁹ Ó CRÓINÍN, Dáibhí. **Early Medieval Ireland (400-1200)**. New York: Routledge, 2013, p. 200.

⁵⁰ O testemunho de uma mulher é válido para os seguintes casos: “contra [o testemunho] de um clérigo, se a mulher for religiosa. (...) A evidência da testemunha feminina (*teist*) que acompanha uma mulher lesionada (...) carrega peso no tribunal, se a mulher lesionada for maltratada ou abusada de quaisquer maneiras. (...) Se o marido declara que é incapaz de consumir o casamento, supondo um defeito físico de sua mulher que estaria impossibilitando o coito, ele deverá ser examinado por uma testemunha feminina; se há defeito, o dote (*coibche*) é devolvido ao marido, se não há defeito, este permanece com a esposa. Outrossim, se a esposa denuncia que seu marido não a fez mulher, mas este afirma o contrário, ela é examinada por uma testemunha feminina, e sua evidência é tomada como conclusiva.”

Em relação à herança de propriedade por mulheres, é interessante enfatizar o caso das mulheres-herdeiras, as *female heiresses (lánamnas for bantichur)*⁵¹, que herdam a propriedade do pai caso este não tenha deixado herdeiros homens após sua morte. Idealmente, tal propriedade seria herdada pelos parentes homens mais próximos do possante, como tios ou primos, mas isso poderia ser revertido caso a filha se una com um destes parentes, recuperando o direito à propriedade. Casando-se com um homem sem heranças ou propriedades em seu nome, a mulher também poderia reivindicar o direito da propriedade deixada pelo pai.

Os manuscritos jurídicos do período, então, exerciam diferentes funções. Primeiramente, apresentavam proibições e limitações impostas às mulheres medievais. Todavia, vale salientar que a necessidade, para juristas, de prescrever limites ao uso da propriedade por mulheres, revela também que a propriedade era utilizada para desafiar certas normas, talvez com a ajuda e a colaboração dos homens. A mesma lógica pode se aplicar aos banimentos relacionados ao testemunho feminino nos tribunais da Irlanda tardo-antiga e medieval. Nesse sentido, os manuscritos jurídicos do período nos expõem não apenas às legislações impostas à população feminina, mas também a formas e estratégias de sobrevivências possíveis; justamente porque eram possíveis, deveriam ser limitadas.

Tradução autoral. Cf: KELLY, Fergus. **A Guide to Early Irish Law**. Early Irish Law Series, v. 3. Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies, 1988, p. 207.

⁵¹ Ó CORRÁIN, Donnchadh. Women and the law in early Ireland. In: O'DOWD, Mary; WICHERT, Sabine (Ed). **Chattel, servant or citizen: women's status in church, state and society**. Belfast: Institute of Irish Studies, Queen's University, 1995, v. 19, p. 48; Ó CORRÁIN, Donnchadh. Women in Early Ireland. In: MAC CURTAIN, Margaret; Ó CORRÁIN, Donnchadh (Ed). **Women in Irish Society: The Historical Dimension**. Connecticut: Greenwood Press, 1979, p. 3.

2. Apresentação das fontes

2.1. *Táin Bó Cúailnge*

O início da narrativa, no TBC LL, expõe a conversa entre Ailil e Medb - governantes de Connacht - que deu origem ao principal evento do *Táin*, o conflito entre as províncias de Connacht e Ulster. O episódio foi ‘batizado’ por Thomas Kinsella como *pillowtalk*⁵² (‘conversa de travesseiros’), visto que Ailil e Medb debatem em suas camas reais, deitados em seus travesseiros. O tópico do debate é a quantidade de bens que cada parte traz ao matrimônio, em que Medb afirma ousadamente que Ailil é ‘um homem dependente do dote matrimonial de uma mulher’⁵³. Assim, os governantes comparam suas respectivas posses, a fim de determinar aquele que detém maior poderio individual. Conclui-se que Medb estava em desvantagem, haja vista que não possui um touro para competir, em equivalência, ao touro Finnbenach, de Ailil. Finnbenach originalmente pertencia ao rebanho de Medb, mas, por não desejar ser governado por uma mulher, migra para o rebanho de Ailil. A decisão resultante é o roubo do gado Donn Cúailnge, pertencente à província de Ulster, governada por Conchobor mac Nesa. Em relação ao TBC LU, o episódio do ‘*pillowtalk*’ não se faz presente, e a história é iniciada com os exércitos de Medb e Ailil já formados e preparados para invadir o território de Conchobor.

Entre os personagens principais do *Táin Bó Cúailnge* encontra-se o guerreiro Cú Chulainn, cujo nome original é Sétanta mac Sualtaim, filho de Deichtire, irmã de Conchobor. Com apenas dezessete anos de idade, Cú Chulainn é o mais valente guerreiro da província de Ulster. A *Remscéla* clarifica que, no início da invasão, todos os homens de Ulster sofrem de uma estranha debilidade, e Cú Chulainn torna-se, então, o único defensor da província diante das forças de Connacht. A explicação sobre a origem do nome ‘Cú Chulainn’ se faz presente em todas as versões do *Táin*, e provêm de um episódio emblemático da narrativa: em uma visita à casa de Culand, o ferreiro, o rei Conchobor leva consigo Sétanta mac Sualtaim, quando ainda era uma criança. Durante o encontro, Sétanta assassina o feroz cão protetor de Culand, e o

⁵² KINSELLA, Thomas. *The Táin: from the Irish epic Táin Bó Cúailnge*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

⁵³ “(...) *for you are a man dependant on a woman's marriage-portion*.”. Tradução autoral. Cf: TBC LL, p. 138.

ferreiro designa ao menino a função de protegê-lo no futuro. Nesse sentido, Sétanta é nomeado Cú Chulainn; o cão de Culand, em irlandês medieval. Dessa forma, a história estabelece como característica marcante do guerreiro sua força extraordinária, destacando-o como uma grandiosa ameaça ao exército de Connacht⁵⁴.

Vale salientar, ademais, o personagem de Fergus Mac Róith, guerreiro exilado de Ulster que, no momento do *Táin*, luta pela província de Connacht como forma de agradecimento ao tratamento cordial recebido por Medb e Ailil. Fergus representa uma ponte entre as duas províncias e lida com um conflito interno por ser o antigo *foster-father* de Cú Chulainn. Aqui, é importante retomar o conceito de *fosterage* abordado no primeiro capítulo. O termo *foster-father* é comumente traduzido como pai adotivo; contudo, no contexto da Irlanda tardo-antiga e medieval, a prática de *fosterage* não equivale à adoção. Assim, Fergus acolheu Cú Chulainn sob sua tutela, preparando-o formalmente para o combate em batalha e participando da sua formação como guerreiro. Interessa apontar que Fergus não foi o único integrante da criação de Cú Chulainn. Os manuscritos relatam a existência de Scáthach⁵⁵, guerreira que ensinou ao personagem parte significativa de suas habilidades de combate.

A relação de Fergus com Ailil e Medb carrega consigo uma série de tensões. Fergus é, ao mesmo tempo, o companheiro mais próximo de Ailil na saga, e o amante de Medb. No TBC LL, a traição nos é revelada quando, em sua batalha com Cú Chulainn, nota-se que Fergus não carrega sua espada na bainha. Isso ocorre porque, um ano antes da batalha, Ailil é surpreendido por Fergus junto à Medb em uma colina de Crúachan, e toma de Fergus sua espada, substituindo-a por uma réplica de madeira⁵⁶. Nesse episódio, o rei promete a seu companheiro que sua espada seria retornada apenas no dia de sua grande luta com Cú Chulainn. O roubo da espada de

⁵⁴ Outra característica relevante de Cú Chulainn é a deformação física de seu corpo durante episódios de raiva, normalmente associados ao combate. Por isso, o exército de Connacht refere-se a Cú Chulainn como o distorcido, *‘the distorted one’*, apelido existente tanto no TBC LL como no TBC LU.

⁵⁵ A existência de Scathach demonstra que, no contexto específico do Táin, não era incomum que mulheres pegassem em armas, desenvolvendo habilidades militares e mesmo ensinando-as para homens. Scathach não é a única personagem feminina do Táin a exibir tais competências; ao longo da narrativa, Medb entra em batalha algumas vezes.

⁵⁶ Na versão do TBC LU, a espada de Fergus é roubada pelo servente de Ailil, e Fergus monta sua própria réplica de madeira. Também no TBC LU, Ailil já se mostrava desconfiado da traição de sua esposa, mesmo antes de descobri-la.

Fergus também ocorre no TBC LU, integrando, portanto, parte simbólica da narrativa do *Táin*.

A maior parte da guerra é travada não por grandes batalhas entre os exércitos das províncias, mas por lutas individuais entre Cú Chulainn e os guerreiros de Connacht. Dessa maneira, uma estratégia adotada por Medb para convencer seus homens a enfrentar Cú é oferecer, além de terras e gado, uma proposta de casamento com sua filha, Finnbair. Sob esse viés, Finnbair é uma personagem feminina recorrente na narrativa que, entretanto, não possui agência sobre suas ações, sendo apresentada apenas como um prêmio militar e um instrumento para que Medb atinja suas ambições políticas. Na versão do TBC LU, a rainha de Connacht oferece ao guerreiro Fer Diad não apenas a proposta de casamento com sua filha, mas seus próprios favores sexuais (*'my own intimate friendship'*⁵⁷) como estratégia de negociação. Sob essa perspectiva, a narrativa faz uso da sexualidade exacerbada de Medb para destacar seu comportamento 'moralmente desviante'.

Um dos episódios mais representativos do *Táin*, presente em todas as versões, é a batalha entre Cú Chulainn e seu *foster-brother*, Fer Diad. Os personagens estiveram, durante sua infância e adolescência, sob a proteção de uma mesma guerreira, Scáthach, anteriormente citada. Por isso, a relação que nutriram ao longo de seus anos formativos incorpora um caráter fraternal extremamente forte. Consequentemente, o embate individual entre os personagens é trágico, ilustrando irmãos que, apesar de seu vínculo, encontram-se desafortunadamente em lados opostos de um mesmo conflito. Por fim, Fer Diad é derrotado por Cú Chulainn devido ao seu golpe singular *gae bulga*, que diferencia os dois guerreiros em batalha.

Outra personagem importante para a compreensão do *Táin* é a figura da Morrígan, um ser mitológico polimorfo. Os textos se referem à personagem como sendo uma figura feminina. O TBC LL esclarece especificamente que Morrígan seria filha de de Ernmas, personagem que não é citado novamente em nenhum momento da epopeia. Nesta versão, Morrígan ataca Cú Chulainn sob a forma de um bezerro, transformando-se logo em seguida em uma enguia negra, e, por fim, em uma loba. Já na versão do TBC LU, Morrígan aparece pela primeira vez entre o exército de

⁵⁷ TBC LU, p. 196.

Connacht, alertando o que parece ser uma premonição sobre um grande touro negro, que acaba por matar cinquenta meninos de Connacht. Em sua segunda aparição, a interação entre Cú Chulainn e Morrígan ocorre também em combate, similarmente ao episódio presente no TBC LL. Nessa versão, além de tomar a forma de um bezerro e uma loba, Morrígan aproxima-se de Cú Chulainn ao incorporar uma mulher, filha do rei Búan, em uma tentativa de seduzir o guerreiro. Por último, ainda no TBC LU, o episódio ‘*The Healing of the Morrígan*’⁵⁸ (a cura de Morrígan, em português) narra mais uma aparição da Morrígan na trajetória de Cú Chulainn, disfarçada de uma velha idosa com apenas um olho, retirando o leite de uma vaca com três tetas. Cú Chulainn ‘abençoa’ o leite e cura os ferimentos da personagem, não sabendo que se tratava da divindade com quem anteriormente lutou.

O roubo de gado de Cooley é encerrado com um antecipado conflito final entre os exércitos de Ulster, após sua recuperação, e de Connacht. Lutam não apenas os homens das províncias, mas seus governantes: Ailil, Conchobor e Medb. Por fim, uma última batalha é travada entre os touros Donn Cúailnge e Finnbenach, na qual ambos morrem. No final do *Táin Bó Cúailnge*, tanto no *Book of Leinster* como no *Lebor na hUidre*, é nítido que as fatalidades são inúmeras, todavia, nenhuma província sai vitoriosa.

2.2. Ferchuitred Medba ou Cáth Bóinde

O *Ferchuitred Medba* ou *Cáth Bóinde*, redigido em irlandês medieval, pode ser datado do século X, e seu tema principal são os maridos de Medb. De acordo com o manuscrito, o primeiro marido de Medb foi Conchobor de Ulster, resultado de um acordo matrimonial realizado contra sua vontade. O texto adiciona, ainda, que a provocação que resulta na razia de gado de Cooley foi a deserção de Conchobor por Medb. O próximo concorrente pela mão de Medb chamava-se Fidech, filho de Féicc, mas seu cortejo não foi bem sucedido, sendo substituído por Tinde mac Conrach, à época rei de Connacht. Medb foi sua esposa por um tempo, e as celebrações públicas da Irlanda ocorreram em Crúachan, uma região de Connacht. Assim, Crúachan foi por um tempo a sede da realeza da Irlanda. É nesse momento que Eochaid Feidlech,

⁵⁸ Ibid, p. 181.

pai de Medb, entrega a sua filha a soberania sobre província de Crúachan, e a partir deste momento Medb é nomeada *Medb Chruachna* (em português, Medb de Crúachan).

No episódio seguinte da narrativa, Mebd vai às celebrações de Tara com seu pai. Conchobor aguardou por Medb enquanto esta banhava-se em Boyne, encontrou-a ali e a violou. O estupro de Medb por Conchobor seria também uma possível recontagem da história do primeiro encontro entre os governantes. Em resposta à violação sofrida por Medb, os reis da Irlanda iniciaram uma batalha contra Conchobor no mesmo local, Boyne; é deste evento que surge o título do manuscrito. Tinde mac Conrach é morto por Conchobor, que vence a batalha de Boyne. Após o embate, Eochaid Dála de Fir Chráibe resgata Medb e a leva aos homens de Connacht em segurança. Com o consentimento de Medb, e sob a condição de firmar com ela um acordo matrimonial, Enchaid torna-se rei de Connacht. A rainha exige, também, que seu marido ‘não possua ciúmes, medo ou avareza’⁵⁹.

É introduzido, em seguida, o quarto marido de Medb: Ailil mac Máta. Ailil era ainda uma criança no momento em que Medb estava com seu terceiro marido, e é o parceiro de Medb durante o roubo de gado de Cooley. Sua origem era de Érnaid, apesar de ter sido criado em Crúachan, tornando-se lá um ‘guerreiro de espírito orgulhoso’⁶⁰. Ailil possuía parentesco com Medb, já que sua irmã era avó de Ailil. Eochaid Dála nutria ciúmes em relação a Ailil; assim, os homens de Fir Domnann, inflamados em simpatia a Eochaid, tentaram expulsar de Connacht Ailil e todos os guerreiros de Érnaid. Medb evitou a realização desse feito, transformando Ailil em rei de sua província.

O manuscrito contém ainda uma explicação para os nomes dos filhos de Medb com Ailil, os ‘Maines’, pois todos possuíam ‘Maine’ como segundo nome (ou apelido). No ajuntamento de Cluitheamnach, preparando-se para uma batalha contra Conchobor, Medb pergunta a seu druida qual de seus filhos será responsável pela

⁵⁹ “*Meadb consents to that on condition that he should marry her, and that he should have neither jealousy, fear, nor niggardliness.*”. Tradução autoral. Cf: O’NEILL, Joseph. *Cáth Bóinde*. Ériu, v. 2, 1905, p. 183.

⁶⁰ “*proud-spirited warrior*”. Cf: Ó MÁILLE, Tomás. *Medb Chruachna*. Zeitschrift für celtische Philologie, v. 17, 1980, p. 135.

derrota de Conchobor. O druida responde que o filho chamar-se-á Maine. Por esse motivo, Medb deu tal nome a todos os seus filhos.

3. A rainha Medb como produto literário e histórico

3.1. Uma breve problematização do modelo analítico da deusa da soberania

O prólogo do *Táin* evidencia ao leitor de imediato que, dentro do contexto narrativo, uma das características destacantes de Medb é sua liberdade sexual e afetiva. No momento inicial da trama, o *pillowtalk*, a rainha afirma que Ailil foi selecionado para o matrimônio apenas porque cumprira três exigências essenciais de Medb: um marido sem maldade, sem ciúmes e sem medo⁶¹. Ao demandar um marido que não sinta ciúmes, Medb afirma que ‘nunca esteve sem um amante rapidamente sucedido por outro’⁶². Essa afirmação mostra-se especialmente verdadeira se observamos novamente o manuscrito *Cáth Bóinde*. No caso do *Cáth Bóinde*, as condições de Medb para seu possível parceiro são sutilmente diferentes daquelas apresentadas no *pillowtalk*, e é estabelecido que a personagem exige um marido ‘sem ciúmes, sem medo, sem avareza’⁶³. A qualidade principal para o marido ideal de Medb, contudo, permanece em ambos os textos; a personagem deseja um parceiro que não sinta ciúmes. O *Cáth Bóinde* ainda registra quatro consecutivos maridos de Medb - incluindo Ailil - além de seu caso extramarital com Fergus, durante o *Táin*, fazendo eco à personagem quando esta assume seu hábito de manter vínculos com diferentes amantes. O manuscrito em questão é, sob essa ótica, um complemento narrativo ao *pillowtalk*, salientando a construção da rainha como ‘moralmente desviante’.

Aqui, gostaria de refletir brevemente sobre a leitura de Medb carregada de um viés moralista que muito acompanhou as produções acadêmicas sobre o *Táin* ao longo dos anos, sendo questionada apenas no final do século XX. Tendo em vista que as sagas pertencem ao século XII, as tendências ‘sexualmente liberais’ de Medb podem ser espantosas, não somente sob o olhar da misoginia tradicional, mas também se pensamos na posição legal da mulher irlandesa medieval, discutida anteriormente.

⁶¹ “a husband without meanness, without jealousy, without fear”. Tradução autoral. Cf: TBC LL, p. 138

⁶² “(...) I was never without one lover quickly succeeding another”. Outra possível tradução seria “I was never without a man in the shadow of another”. Cf: Ibid.

⁶³ “(...) he should have neither jealousy, fear, nor niggardliness.”. Tradução autoral. Cf: O’NEILL, Joseph (Trad.) *Cáth Bóinde*. Eriu, v. 2, 1905, p. 183.

Enquanto os homens detinham o direito de manter uniões com mais de uma mulher, não há registros dessa possibilidade para o caso feminino⁶⁴. Isso gerou a necessidade de justificar as atitudes de Medb, posicionando-a como uma figura de soberania sobre-humana e vinculando-a a um viés mitológico pré-cristão. Uma das propostas possíveis é que Medb seria a representação da soberania da Irlanda, personificada na figura de uma mulher. Isso explicaria seus numerosos maridos, que representam a metáfora do ‘casamento’ da Irlanda com um rei específico, *leitmotif* comum na literatura irlandesa, que perdurou até o século XVIII⁶⁵. Expandindo essa ideia para além da interpretação alegórica da soberania, e debruçando-se em uma perspectiva mais histórica, há o argumento de Medb como parte de uma longa tradição da realeza na Irlanda pré-cristã, particularmente caracterizada pela ‘união’ entre as figuras do rei e da deusa⁶⁶. Sob esse viés, na Irlanda antiga, as raízes da autoridade real eram tanto religiosas quanto políticas; a legitimidade do cargo ocupado por um rei era adquirida por meio de uma performance ritualística que encena o casamento sagrado com uma deusa.

Dentro do modelo analítico da deusa da soberania, Medb se encaixaria como uma transposição da autoridade divina em termos superficialmente humanos. Os desvios morais da personagem, então, possuíam uma motivação mitológica, já que a função principal da deusa da soberania era reproduzir-se continuamente. Medb seria somente uma de várias variações literárias dessa deusa, que, por sua escolha, seleciona seu parceiro tendo em vista suas qualidades reais e valida seu cargo como líder. Justamente por Medb ser a personificação da deusa da soberania - integrando uma tradição lendária para além do escopo do período histórico em que as sagas do *Táin* foram registradas -, é inviável julgar e analisar a promiscuidade percebida da personagem pelo viés da moralidade atual⁶⁷.

Os autores que pensaram o modelo da deusa da soberania citam, também, a etimologia e o significado do próprio nome ‘Medb’ como outro indício de sua

⁶⁴ Aqui, refiro-me ao *Cáin lánamna*. Cf: KELLY, Fergus. **A Guide to Early Irish Law**. Early Irish Law Series, v. 3. Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies, 1988.

⁶⁵ Ó MÁILLE, Tomás. **Medb Chruachna**. Zeitschrift für celtische Philologie, v. 17, 1980, pp. 129-146.

⁶⁶ MAC CANA, Proinsias. **Women in Irish Mythology**. The Crane Bag, v. 4, n. 1, 1928, pp. 7-11.

⁶⁷ NÍ BHROLCHÁIN, Muireann. **Women in Early Irish Myths and Sagas**. The Crane Bag, v. 4, n. 1, Images of the Irish Woman, 1980, p. 14.

conexão com a soberania na Irlanda. Em irlandês, o termo tem relação com o ato de intoxicação⁶⁸, a existência de Medb integra uma alegoria para homens ambiciosos que tornam-se ébrios por um ‘vinho da soberania’⁶⁹. A associação da distribuição de bebidas e da libação com a imagem da deusa da soberania é frequente nas sagas irlandesas e galesas do Alto Medievo⁷⁰. Ao sustentar uma comparação entre essas sagas, o objetivo era propor o feminino como figura que legitima a soberania do seu parceiro sobre o território⁷¹.

A conclusão geral a respeito do modelo analítico da deusa da soberania é a procura de uma ‘herança celta comum’, um passado pré-cristão primordial que escapou à cristianização do período medieval e se encontra representado nos manuscritos, mitologizando as mulheres presentes nos textos. O próprio texto, todavia, acaba por contradizer tais interpretações; no *pillowtalk*, Medb afirma que herdou Crúachu (compreendido como o território de Connacht) de seu pai. Como deusa da soberania, herdar terras de outro indivíduo, particularmente de um homem, seria incomum. Esse tipo de figura é diretamente ligada à terra por sua própria natureza divina, e não precisa herdá-la de alguém. Ela pode ser uma representante da soberania através de sua conexão com a terra, mas não é uma deusa se precisa

⁶⁸ Existem divergências em relação à tradução do nome de Medb do irlandês para o inglês. Proinsias Mac Cana o traduz para ‘*she who intoxicates*’, enquanto Tomás Ó Máille, por exemplo, o traduz para ‘*the intoxicating one*’. De toda forma, o consenso é que Medb seria ‘aquela que intoxica’. Cf: MAC CANA, Proinsias. **Women in Irish Mythology**. The Crane Bag, v. 4, n. 1, 1928, pp. 7-11; Ó MÁILLE, Tomás. **Medb Chruachna**. Zeitschrift für celtische Philologie, v. 17, 1980, pp. 129-146.

⁶⁹ Ó MÁILLE, Tomás. **Medb Chruachna**. Zeitschrift für celtische Philologie, v. 17, 1980, pp. 129-146.

⁷⁰ “*The image of the goddess of sovereignty is frequently associated with the dispensing to drink. Many sagas refer to the cup of liquid which the woman, in the role of the goddess, brings of the king, her prospective husband*”. Tradução autoral. Cf: NÍ BHROLCHÁIN, Muireann. **Women in Early Irish Myths and Sagas**. The Crane Bag, v. 4, n. 1, Images of the Irish Woman, 1980, p. 14.

⁷¹ Kim McCone faz eco a análise etimológica do nome Medb e a associa novamente à imagem da libação. McCone sustenta uma comparação entre o termo e o testemunho dado por Aristóteles acerca da fundação grega de Massília (atual Marselha, na Costa Sul da Gália), que narra a união entre a filha de um rei gaulês local e um líder grego, concretizada pela performance ritualística, na qual a menina escolheria um marido ao oferecer-lhe sua bebida. Para McCone, isso seria uma assimilação de um mito nativo da Gália para legitimar a soberania grega sobre um território. Nesse sentido, tais correspondências apontam fortemente para uma herança celta em comum. Através da mitologia comparada, realizando aproximações entre sagas mitológicas da Índia, do País de Gales e da Grécia, McCone expande sua hipótese ao sugerir uma base indo-europeia compartilhada entre estas, o que explicaria a presença de atributos semelhantes ao modelo da deusa da soberania entre figuras femininas de diferentes tradições. Cf: MCCONE, Kim. Kingship and society. In: _____. **Pagan past and Christian present in Early Irish literature**. Maynooth: An Sagart, 1990, pp. 109-110.

herdá-la⁷². Não somente, se Medb fosse de fato representada como uma deusa, ela teria a capacidade de afetar batalhas em um modo sobrenatural, como a figura da Morrigan⁷³, que será abordada com mais atenção no presente trabalho. Afinal, os escribas do *Táin* não possuem receio em representar explicitamente elementos sobrenaturais ligados ao feminino no texto. Por conseguinte, a proposta do presente trabalho é afastar-se de Medb como representação da soberania ou como reflexo da Irlanda pagã, mas analisá-la sob o viés das relações de gênero no Medievo, suas nuances e contradições.

3.2. Os artifícios narrativos empregados para a construção de Medb

Para estudar Medb como figura literária, é necessário retornar ao prólogo do *Táin*, que nos oferece uma introdução à personagem e demonstra como sua representação é marcada pela linguagem da misoginia, especialmente no TBC LL. O *pillowtalk* é iniciado por uma provocação de Ailil sobre como o casamento elevou Medb em seu *status*, afirmação que é francamente retrucada por Medb, que afirma estar bem o suficiente mesmo antes de ter-se casado com Ailil (*"I was well off before (marrying) you"*⁷⁴). Ailil é insistente em sua provocação e temos, nesse diálogo, o primeiro indício da misoginia mobilizada por um dos personagens do texto contra Medb: “‘Então sua riqueza era algo de que eu nunca ouvi falar nem conheci’, disse Ailill, ‘além de seus apetrechos de mulher, com os inimigos vizinhos a levando como pilhagem e butim.’”⁷⁵. Em seguida, a rainha argumenta, de maneira emblemática e assertiva, que a afirmação de Ailil a respeito de sua posição estaria incorreta incorreta:

“‘Não era assim comigo’, disse Medb, ‘mas possuo o grande rei da Irlanda como pai, a saber, Eochu Feidlech, filho de Find, filho de Findoman, filho de Findeon, filho de Findgoll, filho de Roth, filho de Rigeón, filho de Blathacht, filho de Beothecht, filho de Enna

⁷² ALBERS, Catherine. *She is Right to Behave Thus: Implications of Illicit Rendezvous in Medieval Narrative*. Tese (Mestrado em Artes) – University of Mississippi, Mississippi, 2018, p. 11.

⁷³ CLARK, Rosalind E. *The Sovereignty*. In: _____. **Goddess, Fairy Mistress, and Sovereignty: Women of the Irish Supernatural**. Dissertação – University of Massachusetts, Amherst, 1985, p. 177.

⁷⁴ TBC LL, p. 137.

⁷⁵ “‘*Then your wealth was something I neither heard of nor knew of,*’ said Ailill, ‘*apart from your woman’s gear, with the neighbouring enemies carrying you off as plunder and booty.*’”. Tradução autoral. Cf: Ibid.

Agnech, filho de Óengus Turbach. Ele tinha seis filhas: Derbriu, Eithne e Ele, Clothru, Mugain e Medb. Eu era a mais nobre e digna delas. Eu era a mais generosa delas nas recompensas e na concessão de presentes. Eu era a melhor delas em batalha, contenda e combate. (...) e por essa razão meu pai me deu uma das províncias da Irlanda, a província de Crúachu. De onde sou chamada Medb Chrúachna.”⁷⁶

Os primeiros parágrafos da narrativa nos revelam, a priori, a visão de Ailil sobre as mulheres - que pode ser transposta como a visão geral sobre as mulheres no *Táin*. O personagem entende-as de fato como subordinadas e subalternas. Ao mesmo tempo, Medb enxerga a si mesma como alguém que diverge desse *status* carregado pelas mulheres. A rainha admite essa percepção pessoal e apresenta sua posse sobre o território de Crúachu como prova física de sua nobreza, sua generosidade e sua destreza em batalha. Ao interpretar o domínio de Medb sobre Crúachu sob uma luz historicizante, no contexto do Alto Medievo, a herança da propriedade de um pai por sua filha era possível apenas no caso de sua união matrimonial com o parente homem mais próximo de seu pai. Medb não consolida tal matrimônio, visto que isso não está presente na sua lista de maridos, o *Cáth Bóinde*. Contudo, interessa apontar que, como mencionado anteriormente, os registros legais da Irlanda medieval apresentam tipos de casamento nos quais a propriedade advém quase inteiramente da parte da mulher (*lánamnas fir for banthinchur*) ou a mulher traz ao acordo a preponderância de bens (*lánamnas for bantinchur*)⁷⁷. Não é peculiar, então, que Medb advogue pelo reconhecimento de sua parcela de riqueza para o casamento.

A personagem dá continuidade ao seu discurso expondo que, devido a suas altas qualidades, possuía pretendentes em toda a Irlanda. Mesmo assim, a rainha não aceitou nenhum que não cumprisse as exigências peculiares de seu dote. A explicação para seus requisitos, em suas próprias palavras, é:

“Pois se eu estivesse com um homem avaro, não seria adequado para nós estarmos juntos, pois sou grande em generosidade e na concessão de presentes, e seria uma censura para meu marido se

⁷⁶ “‘Not so was I,’ said Medb, ‘but with the high king of Ireland for my father, namely Eocho Feidlech son of Find son of Findoman son of Findeon son of Findgoll son of Roth son of Rigeón son of Blathacht son of Beothecht son of Enna Agnech son of Óengus Turbach. He had six daughters: Derbriu, Eithne and Ele, Clothru, Mugain and Medb. I was the noblest and worthiest of them. I was the most generous of them in bounty and the bestowal of gifts. I was best of them in battle and strife and combat. (...) ‘and for that reason my father gave me one of the provinces of Ireland, the province of Crúachu. Whence I am called Medb Chrúachna.’” Tradução autoral. Cf: Ibid.

⁷⁷ Ó CORRÁIN, Donnchadh. Marriage in early Ireland. In: COSGROVE, Art (Ed.). **Marriage in Ireland**. Dublin: College Press, 1985, p. 2.

eu fosse melhor em dar do que ele, e uma censura também se fôssemos igualmente bons. Se meu marido fosse um covarde, isso seria igualmente inadequado, pois eu venço em batalhas, contendas e combates por mim mesma, e é uma censura para um marido que sua esposa seja mais cheia de vida do que ele, e é uma censura também que eles sejam igualmente cheios de vida. Se ele fosse um homem ciumento, isso também não seria adequado, pois eu nunca estive sem um homem à sombra de outro.”⁷⁸

Em oposição a uma interpretação de Medb muito voltada como uma mulher que se propõe a estar acima de seu marido, ou a Medb como uma mulher que demonstra abundantes virtudes masculinas - correspondente à imagem da *virago*, uma mulher masculinizada -, o trecho supracitado acaba por, contraintuitivamente, argumentar contra essa imagem. Aqui, todas as exigências de Medb para um parceiro culminam apenas em um desejo: de ser compreendida como sua igual. Ao demandar um marido que seja generoso e forte, Medb apenas deseja um parceiro que possua essas qualidades no mesmo nível ou em um nível acima do seu, mas em nenhum momento alegou que seria necessário que seu marido seja menor que ela. Pelo contrário, ela admite isso como uma inadequação. Todo esse trecho, portanto, reforça a sua ‘conformidade com entendimentos patriarcais do comportamento guerreiro’⁷⁹.

Quando Medb afirma que Ailil é um dependente do dote matrimonial de um homem, o rei retruca: ‘E eu nunca ouvi de alguma província na Irlanda dependente de uma mulher com exceção somente desta mesma província, então eu vim e assumi a realeza aqui, em virtude dos direitos de minha mãe’⁸⁰. Novamente, o sexo de Medb é utilizado como justificativa para despi-la do poder que acredita ser legitimamente seu. De toda forma, Medb agora é decisiva, acreditando que sua propriedade é maior que a

⁷⁸ “‘For should I be with a man who was avaricious, it would not be fitting for us to be together, for I am great in bounty and the bestowal of gifts, and it would be a reproach for my husband if I were better at giving than he, and a reproach too if we were equally good. Should my husband be a coward, that would be equally unfitting, for I overcome in battles and contests and combats by myself, and it is a reproach for a husband that his wife should be more full of life than himself, and it is a reproach too that they should be equally full of life. Should he be a jealous man, that would not be fitting either, for I was never without a man in the shadow of another.’”. Tradução autoral. Cf: TBC LL, p. 138.

⁷⁹ “This again reinforces her compliance with patriarchal understandings of warrior behavior”. Tradução autoral. Cf: ALBERS, Catherine. A Goddess Compromising with the Patriarchy: Medb in the Book Of Leinster’s *Táin Bó Cúailnge* Introduction. In: _____. **She is Right to Behave Thus: Implications of Illicit Rendezvous in Medieval Narrative**. Tese (Mestrado em Artes) – University of Mississippi, Mississippi, 2018, p. 11.

⁸⁰ “And I heard of no province in Ireland dependent on a woman except this province alone, so I came and assumed the kingship here in virtue of my mother’s rights”. Tradução autoral. Cf: TBC LL, p. 138.

de Ailil. A discussão iniciada por Ailil resulta, então, em uma cansativa e longa comparação dos bens que cada parte possui, numa construção narrativa caótica onde tudo que era valioso em Connacht foi levado pelos serventes a Medb e Ailil, a fim de que soubessem qual dos dois possuía mais riquezas. Ao final da contagem, foi reconhecido que ambos eram iguais em termos de posse, com uma exceção: entre o gado de Ailil estava um touro especial, que foi do rebanho de Medb, chamado Finnbenach. O touro preteriu a Medb por acreditar que não há dignidade em fazer parte do conjunto de propriedades de uma mulher. Encolerizada, Medb inicia sua busca por um touro para substituir Finnbenach e assim inicia-se a invasão de Ulster pelos governantes de Connacht.

A posição de Medb como mulher se faz ouvir durante todo o início do *Táin*, que pavimenta o caminho para o entendimento do leitor sobre o que deu origem ao conflito. O que se nota, dentro do contexto narrativo do TBC LL, é que uma grande e devastadora guerra começou devido a nada mais que uma querela marital entre Medb e Ailil. Não somente por isso, mas pela necessidade que Medb possuía de ser, no mínimo, igual ao seu marido em posses. Dessa forma, se a base da sociedade e comunidade irlandesa medieval eram as alianças produtivas e sexuais entre mulheres e homens, o conflito entre ambos poderia ilustrar uma horrível ameaça à ordem social⁸¹, o que é evidenciado no próprio *Táin*. Além disso, a personagem já estava ameaçando essa ordem a partir do momento em que Medb contorna as próprias normas legais do casamento no Medieval, ao unir-se com mais de um homem.

O prólogo do texto, como observado, também é marcado pela insistência repetitiva de isolar mulheres de posições de poder, ou subordiná-las e subjugar-las, colocando-as em um espaço de incapacidade de admitir tais posições, e portanto, justificando, somente através de seu sexo, sua exclusão na participação política e de tomada de decisões. Sob essa perspectiva, se entendemos o conceito de gênero como um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e como uma maneira de dar significado a relações de poder⁸², tal conceito

⁸¹ BITTEL, Lisa M. Warriors, hags and Sheelanagigs. In: _____. **Land of women: tales of sex and gender from early Ireland**. New York: Cornell University Press, 1998, p. 205.

⁸² SCOTT, Joan. **Gender: A Useful Category of Historical Analysis**. *The American Historical Review*, vol. 91, n. 5, 1986, p. 1067.

está impregnado não somente na construção narrativa de Medb, mas do *Táin* como um todo, tendo em vista, principalmente, que a personagem está no cerne da guerra. Se o sexo de Medb é feminino, ela é percebida socialmente como uma mulher, e, a partir disso, seu gênero é utilizado como instrumento de deslegitimação. Outrossim, a representação da rainha Medb nos faz compreender o *Táin* como um conto preventivo, partindo da autoria dos escribas, do que pode ocorrer quando mulheres desobedecem às normas atribuídas a seu gênero.

Pouco antes do embate militar iniciar-se de fato, o encontro de Medb com a profeta Fedelm agrega também a uma leitura da personagem como sendo uma mulher irracional, que se recusa a dar ouvidos à razão devido a seu orgulho excessivo e seu desejo de alcançar determinadas finalidades a todo custo. Tanto no TBC LL como no TBC LU, Medb pergunta a Fedelm qual seria o resultado do conflito, e a profeta alerta que sua visão mostra o exército de Medb avermelhado e carmesim, indicando que uma carnificina está por vir. Medb rejeita a previsão de derrota e intencionalmente prefere submeter seu exército a uma morte certa a desistir de sua causa⁸³.

Levando esse argumento à frente, a atuação militar de Medb durante o *Táin* também é marcada por uma maneira ‘feminina’ de se conduzir uma guerra. Em primeiro lugar, destacam-se as repetidas vezes em que Medb mobiliza atividades sexuais como forma de chantagear os homens de Ulster a unirem-se ao seu exército. A rainha não apenas oferece seus favores sexuais inúmeras vezes ao longo da saga - referindo-os como sua amizade íntima, ou ‘*my own intimate friendship*’ - mas também de sua própria filha, ao sugerir uma proposta de casamento entre Finnabair e os diferentes guerreiros que estivessem dispostos a batalhar com Cú Chulainn. Mesmo quando tenta oferecer uma trégua a Cú Chulainn a fim de parar a guerra, a

⁸³ Diana Veronica Dominguez argumenta que, sob uma perspectiva cultural, Medb não poderia abandonar a razia por causa da profecia, pois isso iria humilha-lá frente a todos os seus aliados. Desistir nesse ponto iria marcá-la como uma covarde e fortalecer sua imagem como uma mulher pouco confiável, insegura e inadequada como governante. A resposta de Medb assume sua responsabilidade como líder. A liderança de Medb seria uma performance com o intuito de convencer uma audiência de sua capacidade de liderar. O encontro de Medb com Fedelm pode ser lido como uma performance para seus aliados, com o intuito de inspirar confiança em sua habilidade e esconder seus medos e dúvidas sobre o resultado profetizado da razia. Cf: DOMINGUEZ, Diana V. “IS DETHBIR DISI” [It is appropriate (that she behave in this way)]: applying the lens of gender parody to Medb in the Old Irish Ulster Cycle. Tese (Doutorado em Filosofia) – Texas Tech University, Texas, 2004, pp. 230-233

proposta de sua amizade íntima também lhe é oferecida. Essas ofertas são repetidas com certa veemência na narrativa, salientando o aspecto sexualizado de Medb, e também o posicionando sob uma luz de quase comicidade.

Novamente, a faceta sexual de Medb repete-se quando se trata do relacionamento da rainha com Fergus mac Róith, aspecto do *Táin* já mencionado anteriormente. O adultério e a não-conformidade sexual pode ocupar um papel na reivindicação da soberania feminina dentro de narrativas medievais⁸⁴, mas é interessante apontar que, dado o contexto de produção dos manuscritos e das leis rígidas em relação ao matrimônio para mulheres, essa parte da personagem de Medb pode representar mais uma ansiedade em relação a mulheres medievais do que propriamente uma reivindicação de seu poder sobre o próprio corpo.

O desfecho do *Táin* conta com mais uma instância em que o gênero de Medb é utilizado como instrumento de deslegitimação de seu poder. Ao final do conflito, Fergus mac Róith afirma: “Este dia foi de fato apropriado (para aqueles que foram) liderados por uma mulher (...) Este exército foi saqueado e espoliado hoje. Tal como uma égua que vai à frente de sua manada em território desconhecido, com ninguém para liderá-los ou aconselhá-los, assim pereceu este exército hoje”⁸⁵. No TBC LU, a imagem da égua liderando um rebanho repete-se: “‘É isto que comumente acontece’, disse Fergus, ‘a um rebanho de cavalos liderado por uma égua. Sua substância lhes é tomada e levada enquanto eles seguem uma mulher que lhes enganou’”⁸⁶. Para além disso, há uma nítida contradição entre a tradição na qual a soberania estaria diretamente relacionada à feminilidade e a frase de Fergus. Se seguirmos a lógica de Medb como deusa ou figura de soberania, ser uma mulher não deveria desqualificá-la como tal.

⁸⁴ ALBERS, Catherine. Introduction. In: _____. **She is Right to Behave Thus: Implications of Illicit Rendezvous in Medieval Narrative**. Tese (Mestrado em Artes) – University of Mississippi, Mississippi, 2018, p. 1.

⁸⁵ “‘This day was indeed a fitting one (for those who were) led by a woman’, said Fergus. ‘This host has been plundered and despoiled today. As when a mare goes before her band of foals into unknown territory, with none to lead or counsel them, so this host has perished today.’” Tradução autoral. Cf: TBC LL, p. 270.

⁸⁶ “‘That is what usually happens’, said Fergus, to a herd of horses led by a mare. Their substance is taken and carried off as they follow a woman who was mislead them.” Tradução autoral. Cf: TBC LU, p. 237.

Tais falas sintetizam todo o conflito do *Táin* como uma condenação misógina de mulheres poderosas, ou mesmo de mulheres que se creem iguais a seus maridos, como Medb se propõe no prólogo. A palavra ‘espoliado’ - ‘*despoiled*’ -, selecionada para referir-se a um exército desgraçado, carrega um caráter de gênero, uma imagem feminilizada da derrota de um exército que nos recorda da própria ‘desgraça feminizada’ de Medb⁸⁷ e retorna novamente à condição de Medb como mulher, como forma de punição por seu desejo político por poder. Receber esse julgamento público do homem com quem manteve relações afetivas ao longo da saga também é outra forma de humilhação contra a personagem no texto.

Contudo, apesar de ser um indício da misoginia contra a rainha, interessa salientar que na tradição de domesticação equina Indo-europeia, as éguas lideram os rebanhos⁸⁸. Nesse sentido, mesmo com a impregnação da misoginia eclesiástica nos textos, que podem ter existido para alertar contra o perigo do feminino em posições de poder, há uma contradição intrínseca entre o modo como a misoginia foi mobilizada na frase de Fergus e a cultura Indo-europeia. Ainda, a resposta de Medb à acusação de Fergus é conduzir todos a assistir a luta entre os touros Donn Cúailnge e Finnbenach, demonstrando que não foi totalmente afetada por sua crítica⁸⁹.

Outra cena que intriga o leitor do *Táin* é o momento no qual Medb urina no chão de sua tenda. No TBC LU, isso ocorre quando Fer Diad está se despedindo dos homens de Ulster no caminho de sua batalha contra Cú Chulainn, logo após Ailil e Medb prometerem Finnabair em casamento ao guerreiro⁹⁰. A imagem da urinação pode servir o propósito de elevar a atmosfera de derrota e trazer a poderosa rainha para um nível de humanidade. A atitude de Ailil e de Medb demonstra pouco interesse se Fer Diad voltará vivo de sua luta, desde que consiga derrotar Cú Chulainn. Tanto a filha de Medb, Finnabair, como seu soldado, são meramente peões

⁸⁷ALBERS, Catherine. A Goddess Compromising with the Patriarchy: Medb in the *Book Of Leinster's Táin Bó Cúailnge* Introduction. In: _____. **She is Right to Behave Thus: Implications of Illicit Rendezvous in Medieval Narrative**. Tese (Mestrado em Artes) – University of Mississippi, Mississippi, 2018, p. 21.

⁸⁸ DOOLEY, Ann. The Invention of Women in the *Táin*. In: _____. **Playing the Hero: reading the Irish saga Táin Bó Cúailnge**. Toronto: University of Toronto Press, 2006, p. 182.

⁸⁹ALBERS, Catherine. A Goddess Compromising with the Patriarchy: Medb in the *Book Of Leinster's Táin Bó Cúailnge* Introduction. In: _____. **She is Right to Behave Thus: Implications of Illicit Rendezvous in Medieval Narrative**. Tese (Mestrado em Artes) – University of Mississippi, Mississippi, 2018, p. 22

⁹⁰ TBC LU, p. 202.

estratégicos para a vitória na guerra. Por isso, o *motif* da urinação em meio a uma negociação política provê uma justaposição do heroico com o familiar e o íntimo⁹¹. Ademais, há a possibilidade dos escribas confundirem as funções corporais da mulher e trocarem a menstruação com a urinação⁹²; é provável que tal trecho represente mais uma maneira em que a narrativa mobiliza mais uma vez o sexo de Medb como forma de humilhação, corroborando para a tese do *Táin* como condenação misógina de mulheres governantes. No TBC LL, a figura da rainha humilhada é reforçada, com Medb urinando/menstruando no chão e sendo reprimida por Fergus, em um momento em que seu exército já foi devastado⁹³.

A imagem é reiterada novamente quando Medb, logo após tal ato de privacidade física, implora para que Cú Chulainn a poupe e não a mate, nas páginas finais do TBC LL. Esse trecho se encaixa no topos do líder derrotado que demanda um pedido inapropriado e incongruente do campeão, complicando o resultado do conflito⁹⁴. Quando a narrativa se encaminha para o encerramento da razia, Medb passa ilesa por Cú Chulainn não somente com seu exército, mas com a posse do touro Donn Cúailnge, que não hesitou em ser liderado pela governante, em contraste a Finnbenach. A aparente vitória da província de Connacht é substituída, entretanto, por um frenesí combativo entre os dois touros, cuja consequência é a morte violenta de ambos. O final do *Táin* indica que a causa militar ferozmente defendida pela rainha mostra-se frustrada e sem êxito.

Apesar do desdém projetado em Medb pelos personagens da saga devido a seu sexo, os líderes de outras províncias aliadas a Connacht não expressam dúvidas de seu papel de líder, nem exibem alguma hesitação em seguir sua razia militar. O que isso evidencia é que, dentro da saga, há a possibilidade de Medb reter uma reputação consolidada como uma estratégica comandante política e militar, mesmo sendo mulher. Conquanto o *pillowtalk* do *Book of Leinster* retrate seu ataque a Ulster

⁹¹ NEMECKOVÁ, Hana. *Aided Derbforgaill: Recurrent Motifs in the Ulster Cycle and Their Relation to the Status of Women*. Tese (Bacharelado em Artes) – Univerzita Karlova, Praga, 2016, p. 29.

⁹² DOOLEY, Ann. The Invention of Women in the Táin. In: _____. **Playing the Hero: reading the Irish saga Táin Bó Cúailnge**. Toronto: University of Toronto Press, 2006, p. 181

⁹³ TBC LL, p. 269.

⁹⁴ DOOLEY, Ann. The Invention of Women in the Táin. In: _____. **Playing the Hero: reading the Irish saga Táin Bó Cúailnge**. Toronto: University of Toronto Press, 2006, p. 175.

como uma atitude inconsistente e impulsiva, a relação de Medb com Conchobor que está presente no *Cáth Bóinde* corrobora a noção de que a rainha visava, a partir de seu ataque, produzir vergonha e humilhação públicas, e um grande dano político, econômico e militar em Ulster e em Conchobor, tendo em vista que Medb já tinha sido publicamente envergonhada pelo rei.

Medb sustenta, dessa forma, a representação de relações de gênero complicadas e nuançadas do período; uma rainha que é, por vezes, respeitada como líder política, e, por outras, submetida à marginalização e subjugada em nome de seu sexo. Observa-se, assim, que misoginia e respeito coexistem na literatura medieval irlandesa, do século VII até o século XII⁹⁵. A ambiguidade histórica da vida das mulheres do período é paralela às ambiguidades na tradição literária⁹⁶. Essa aparente contradição pode ser, talvez, melhor apreciada no contexto de uma sociedade marcada por tensões políticas e culturais, entre a herança do mito pré-cristão e a tradição cristão, entre os manuscritos e as influências da tradição oral, entre as leis irlandesas nativas de casamento e as demandas da lei canônica (particularmente no século XI e XII)⁹⁷. A personagem de Medb é consolidada dessa forma como uma força ameaçadora e tensionadora no *status quo* social⁹⁸.

⁹⁵ FINDON, Joanne. Introduction. In: _____. **A woman's word: Emer and female speech in the Ulster cycle**. Toronto: University of Toronto Press, 1997, p. 15.

⁹⁶ Ibid, p. 17.

⁹⁷ Ibid, p. 15.

⁹⁸ DOOLEY, Ann. The Invention of Women in the Táin. In: _____. **Playing the Hero: reading the Irish saga Táin Bó Cúailnge**. Toronto: University of Toronto Press, 2006, p. 161.

4. Estudo comparativo entre Medb e outras personagens femininas do ciclo de Ulster

4.1. A entidade Morrígan

Ao contrário de Medb, Morrígan é explicitamente compreendida dentro do texto como um ser de características mitológicas. Ela é uma deusa perigosa que provavelmente tem relação com outras figuras mitológicas do ciclo, como a *badb*⁹⁹. As origens do nome ‘Morrígan’ no irlandês antigo podem ser associadas com os fantasmas e os mortos¹⁰⁰. Ao longo do ciclo, a personagem transforma-se em um corvo, pássaro carniceiro cuja imagem também relaciona-se com a dimensão da morte e dos mortos. O aspecto da fertilidade é uma parte essencial de sua personagem, que combina características destrutivas com aquelas do cuidado e do poder sexual¹⁰¹. Já que a deusa deve proteger a *túath*, ela deve ser capaz de protegê-la também em guerra, bem como proteger os frutos da terra e aumentar a população humana e de gado¹⁰². Tendo em vista que a economia medieval irlandesa dependia da criação de gado, faz sentido que uma deusa poderosa possua vínculos com a figura do gado; no próprio *Táin*, Morrígan assume a forma de um boi e de uma mulher idosa tirando leite de uma vaca de três tetas. A saga *Cath Maide Tuired* demonstra que a personagem possui, ademais, a capacidade de profetizar vitória ou destruição¹⁰³.

Morrígan não é uma personagem arquetípica, mas assume características mais humanas principalmente por meio de sua relação com o herói Cú Chulainn. No decorrer do ciclo de Ulster, a atitude de Morrígan para com o guerreiro é ambígua, delineada pela dualidade atração/agressão e amor/ódio; ela aparenta ser sua entidade protetora, mas por vezes o ataca. A deusa aparece pela primeira vez como uma bela mulher, filha do rei Búan, oferecendo glória e amor a Cú Chulainn, que a rejeita. A fúria perante tal rejeição determina Morrigan a vingar-se de Cú Chulainn. Tanto no TBC LL como no TBC LU, a personagem interfere nas batalhas entre Cú Chulainn e outros guerreiros sob a guisa de diferentes animais, e a inimizade entre ambos cresce.

⁹⁹ CLARK, Rosalind. *Aspects of the Morrígan in Early Irish Literature*. Irish University Review, v. 17, n. 2, 1987, p. 227.

¹⁰⁰ Ibid, p. 230.

¹⁰¹ Ibid, p. 227.

¹⁰² Ibid, pp. 228-229.

¹⁰³ Ibid.

Em certo momento do TBC LU, todavia, Morrígan assume o formato de um fantasma, incitando o herói a lutar mais ferozmente e superar seu inimigo. Tanto Medb como Morrígan, com suas interferências nas estratégias de guerra, representam um aspecto fundamental da misoginia heroica: o terror masculino em relação à mulher devoradora¹⁰⁴. Quando tratamos de Morrígan, contudo, sua faceta mitológica a blinda da linguagem misógina que, por outro lado, é direcionada a Medb majoritariamente durante a narrativa do ciclo de Ulster. Os poderes e as habilidades da deusa também mostram-se suficientemente poderosos para opor-se a Cú Chulainn, com quem é capaz de batalhar fisicamente, ato que nenhuma outra figura feminina realiza no *Táin*.

4.2. O feminino liminar: a guerreira Scáthach e a profeta Fedelm

Scáthach - a guerreira responsável pelo treinamento de Cú Chulainn e seus *foster-brothers* - possui uma identidade de gênero marcada pela ambivalência¹⁰⁵. Scáthach e Medb são líderes de exércitos e assumem posições designadas para homens, mas apenas Scáthach é altamente respeitada e estimada dentro das sagas. O motivo que explicaria tal decisão narrativa seria a origem da personagem; o *síd*, uma dimensão geográfica sobrenatural. Este outro mundo presente nas sagas é um *motif* recorrente na literatura irlandesa, povoado pelos indivíduos imortais¹⁰⁶. Os personagens que advêm do *síd* são marcados por sua alteridade (*otherness*) devido às regras que governam seu mundo. A reputação de Scáthach no *Táin* ilustra a posição mais prestigiada de mulheres no *síd*, já que é estimada como a melhor professora de arte guerreira, superando até mesmo seus concorrentes masculinos¹⁰⁷. Nesse sentido, Scáthach ocupa um espaço de alteridade diferente de Medb.

Assim como Scáthach, Fedelm é outra personagem que representa uma leitura liminar do feminino e de seus modos instáveis¹⁰⁸. Fedelm é a única poetisa e profeta

¹⁰⁴ DOOLEY, Ann. The Invention of Women in the Táin. In: _____. **Playing the Hero: reading the Irish saga Táin Bó Cúailnge**. Toronto: University of Toronto Press, 2006, pp. 168-169.

¹⁰⁵ Ibid, p. 168.

¹⁰⁶ NEMECKOVÁ, Hana. **Aided Derbforgaill: Recurrent Motifs in the Ulster Cycle and Their Relation to the Status of Women**. Tese (Bacharelado em Artes) – Univerzita Karlova, Praga, 2016, p. 24.

¹⁰⁷ Ibid.

¹⁰⁸ DOOLEY, Ann. The Invention of Women in the Táin. In: _____. **Playing the Hero: reading the Irish saga Táin Bó Cúailnge**. Toronto: University of Toronto Press, 2006, p. 170.

do *Táin*. Numa história repleta de personagens que engajam com a narrativa via interações físicas com a terra e com outros personagens, a única ação de Fedelm é prever a carnificina e o derramamento de sangue que está por vir¹⁰⁹. Similarmente a Morrígan e Scáthach, Fedelm ocupa um lugar fora da categoria de mulher normal¹¹⁰, por dominar as habilidades de um *filid*¹¹¹. A lei irlandesa reconhecia a existência de poetisas ou mulheres-poetas (*woman-poets*), denominadas *banfili*, mesmo que sua presença na sociedade seja escassa¹¹². O *status* das *banfili* concede a tais mulheres uma capacidade legal normalmente negada às demais. Fedelm é a representação da única mulher cujo discurso seria legalmente reconhecido na Irlanda medieval. Enquanto as palavras de Medb são desacreditadas por seu gênero, as palavras de Fedelm são posteriormente reafirmadas pela narrativa.

No *Táin*, o fenômeno da divinação ocupa um espaço distintivamente feminino, visto que toda a cena que preludia o conflito é administrada somente por mulheres¹¹³. Na conversa, Medb toma para si o lugar de líder militar, um espaço tradicionalmente masculino, e Fedelm ocupa um lugar feminino como profeta. A resposta de Medb, ao não aceitar a profecia e confiar nas suas habilidades como líder e na força de seu exército, destaca a maneira como a personagem transgride as expectativas de gênero de sua sociedade e se recusa a ser circunscrita pelas leis¹¹⁴. Em contraste a Medb, Fedelm não aparece em uma carruagem no TBC LL, embelezando a ideia da Medb montada na carruagem. Estar sobre rodas é um sinal importante de prestígio e agrega à ideia da rainha como a representante militar na interação¹¹⁵.

¹⁰⁹ STEBLAY, Laura. **A Woman Wielding Words: The Role of the Woman-Poet and Woman-Prophet Fedelm in the *Táin Bó Cúailnge***. *Postgraduate English: A Journal and Forum for Postgraduates in English*, n. 27, 2013, p. 6.

¹¹⁰ Ibid, p. 6.

¹¹¹ Ibid, p. 4.

¹¹² KELLY, Fergus. **A Guide to Early Irish Law**. Early Irish Law Series, v. 3. Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies, 1988, p. 49.

¹¹³ DOOLEY, Ann. The Invention of Women in the *Táin*. In: _____. **Playing the Hero: reading the Irish saga *Táin Bó Cúailnge***. Toronto: University of Toronto Press, 2006, p. 128.

¹¹⁴ HARRILL, Claire. **'I will spout a jet of blood in your face': Women's words in the *Táin Bó Cúailnge*, its pre-tales and the Fingal Ronan**. *Postgraduate English: A Journal and Forum for Postgraduates in English*, n. 27, 2013, p. 8.

¹¹⁵ DOOLEY, Ann. The Invention of Women in the *Táin*. In: _____. **Playing the Hero: reading the Irish saga *Táin Bó Cúailnge***. Toronto: University of Toronto Press, 2006, p. 170.

4.3. Finnabair, filha de Medb

Por fim, temos a filha de Medb, Finnabair. Ao longo do conflito, Finnabair é utilizada como um peão para suprir os interesses de sua mãe em guerra, sendo prometida a diversos guerreiros do exército de Connacht, como um prêmio para aqueles que estivessem dispostos a lutar contra Cú Chulainn. Distinguindo-se das outras personagens anteriormente analisadas no capítulo, Finnabair é um paralelo narrativo de Medb justamente por não se distanciar do *status quo* estabelecido para as mulheres medievais. A personagem não demonstra sinais de resistência, desconforto ou protesto quando sua mãe lhe oferece consecutivamente a diferentes homens, sem o poder de consentimento ao matrimônio. Em nenhum momento da saga, Finnabair entra em combate ou lidera um exército como Medb.

No episódio *The Bloodless Fight of Rochad*¹¹⁶ (ou *Bángleo Rochada*), a batalha sem sangue de Rochad, Finnabair avista Rochad mac Faithemain, um guerreiro de Ulster preparado para atacar o acampamento de Connacht. Esse é o único momento da saga em que Finnabair reivindica visibilidade, afirmando que tal homem foi seu primeiro amor. Medb utiliza essa informação para tentar realizar uma trégua com o exército de Rochad, manipulando o sentimento de sua filha pelo guerreiro como uma artimanha política estratégica. Finnabair passa a noite com Rochad e a notícia da união propaga-se entre os demais homens de Ulster e de Munster, que também foram prometidos a Finnabair como forma de aliança militar a Connacht. Inaugura-se, em sequência, uma batalha pela mão da personagem, envolvendo as divisões de diferentes regiões da Irlanda. Finnabair, ao perceber as numerosas fatalidades ocorridas em seu nome, falece espontaneamente, tão grande é sua vergonha.

A rainha Medb não emite palavras de lamento por Finnabair. Isso nos indica novamente que a personagem pode cumprir o propósito narrativo de colocar em evidência as falhas de Medb como figura materna. Sua morte peculiar, possivelmente interpretada como suicídio¹¹⁷, é uma forma da personagem fazer-se ouvir dentro do *Táin*, mas, notavelmente, essa tentativa não é reconhecida por Medb ou Ailil. Assim,

¹¹⁶ TBC LL, pp. 242-243; TBC LU, pp. 214-215.

¹¹⁷ DOOLEY, Ann. The Invention of Women in the Táin. In: _____. **Playing the Hero: reading the Irish saga Táin Bó Cúailnge**. Toronto: University of Toronto Press, 2006, p. 167.

a narrativa parece punir mesmo as mulheres que se adequam às normas de gênero do período. Não é possível, para Finnbair ou para Medb, mulheres humanas dentro das sagas, escapar da linguagem da misoginia.

Considerações finais

A realidade histórica das mulheres na Irlanda tardo-antiga e medieval é multifacetada e multidimensional; não muito diferente de suas representações literárias, mesmo estando tais representações no âmbito épico, como é o caso de Medb. Na mesma medida em que tratados jurídicos foram redigidos para limitar a atuação de mulheres em relação a seu marido, ao espaço doméstico e à propriedade, os textos literários também exerciam tal função, e nos indicam que, mesmo com limitações e subordinações, não é estranho que existissem mulheres que ainda tentassem transgredir e se movimentar em torno das normas de gênero. Como mencionado no capítulo 3.1., trata-se de um mundo sendo transformado pela chegada do Cristianismo e da escrita, que se opõem à permanência de determinadas tradições orais pré-cristãs e seus modos de funcionamento.

Interessa apontar que a qualidade feminina liminar, atribuída a personagens como Morrigan, Fedelm, e Scáthach, impede que seu gênero seja instrumentalizado como categoria de deslegitimação. Se analisássemos Medb como deusa da soberania, seria essencial que o texto apresentasse essa mesma atitude em relação à personagem, o que, invariavelmente, não ocorre. Precisamente por ser a representação de uma mulher humana, que não manifesta características sobrenaturais (características estas que certamente seriam reminiscências do passado pagão irlandês), Medb é submetida ao mesmo julgamento que seria presumivelmente imposto a mulheres reais do Medievo.

A atitude dos escribas a respeito de Medb é irônica e ambígua; enquanto Medb é suficientemente respeitada para liderar um grande exército e comandar uma província, os personagens que embarcam em sua empreitada a culpabilizam pela carnificina e pela derrota generalizada. Morre Donn Cúailnge e a razia é provada sem êxito, certamente porque foi governada por uma mulher que se pretendeu tão prestigiosa quanto seu marido. Isso evidencia o fio narrativo do *Táin* como uma saga que visa alertar sua audiência dos perigos das mulheres em posições de poder, uma ansiedade que provavelmente habitava o imaginário de homens medievais, tendo em vista o esforço para limitar jurídica e socialmente as possibilidades femininas.

Apesar da sua construção de Medb ser carregada pela linguagem da misoginia, da marginalização e da subordinação que parece ser pretendida por escribas, é possível identificar características positivas atribuídas à guerreira, como sua resiliência, sua assertividade e sua determinação. É inegável que muitas decisões político-militares tomadas pela personagem fazem sentido, e que não havia uma ausência total de racionalidade em seu comportamento, que se apresentava, variadas vezes, como tão premeditado e estratégico como aquele de seus companheiros homens. O protagonismo de Medb no ciclo de Ulster faz-se mais exacerbado que de seu marido, Ailil; os escribas que a registraram certamente possuíam curiosidade ou, até mesmo, um fascínio por sua figura, sentimento este que pode ser transmitido à audiência masculina do período. Entre o assombro pela existência de mulheres poderosas e o deslumbramento por suas transgressões, Medb seguiu ativando o interesse de leitores desde a Antiguidade Tardia até a Contemporaneidade, consolidando-se como detentora de uma força atemporal.

Fontes textuais

KINSELLA, Thomas. **The Táin: from the Irish epic Táin Bó Cúailnge**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

Ó MÁILLE, Tomás. **Medb Chruachna**. Zeitschrift für celtische Philologie, v. 17, 1980, pp. 129-146.

O'NEILL, Joseph (Trad.) **Cáth Bóinde**. Ériu, v. 2, 1905, pp. 173-185.

O'RAHILLY, Cecile. (Ed.) **Táin Bó Cúailgne: from the Book of Leinster**. Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies, 1967.

_____. (Ed.) **Táin Bó Cúailnge: Recension I**. Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies. 1976.

Bibliografia

ABRANTES, Beatriz G. **Perspectivas de gênero no épico gaélico Táin Bó Cuailnge**. X Encontro Nacional de História, ANPUH, Bahia, 2020.

ALBERS, Catherine. A Goddess Compromising with the Patriarchy: Medb in the *Book Of Leinster's Táin Bó Cúailnge* Introduction. In: _____. **She is Right to Behave Thus: Implications of Illicit Rendezvous in Medieval Narrative**. Tese (Mestrado em Artes) – University of Mississippi, Mississippi, 2018, p. 22

BINCHY, D. A. (Ed.). **Corpus Iuris Hibernici**. 6 v. Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies, 1978.

BITEL, Lisa M. **Land of women: tales of sex and gender from early Ireland**. New York: Cornell University Press, 1998.

BYRNE, Francis J. **Tribes and tribalism in early Ireland**. Ériu, v. 22, p. 128–166, 1971.

CLARK, Rosalind. **Aspects of the Morrígan in Early Irish Literature**. Irish University Review, v. 17, n. 2, 1987.

CLARK, Rosalind E. The Sovereignty. In: _____. **Goddess, Fairy Mistress, and Sovereignty: Women of the Irish Supernatural**. Dissertação – University of Massachusetts, Amherst, 1985.

DOMINGUEZ, Diana V. **“IS DETHBIR DISI” [It is appropriate (that she behave in this way)]: applying the lens of gender parody to Medb in the Old Irish Ulster Cycle**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Texas Tech University, Texas, 2004.

DOOLEY, Ann. **Playing the Hero: reading the Irish saga Táin Bó Cúailnge**. Toronto: University of Toronto Press, 2006, p. 167.

EDWARDS, Nancy. **The Archaeology of Early Medieval Ireland**, Philadelphia: Routledge, 1996.

FINDON, Joanne. **A woman’s word: Emer and female speech in the Ulster cycle**. Toronto: University of Toronto Press, 1997, p. 15.

HARRILL, Claire. **‘I will spout a jet of blood in your face’: Women’s words in the Tain Bo Cualinge, its pre-tales and the Fingal Ronan**. Postgraduate English: A Journal and Forum for Postgraduates in English, n. 27, 2013.

JACKSON, Kenneth. **The Oldest Irish Tradition: A Window on the Iron Age**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

KELLY, Fergus. **A Guide to Early Irish Law**. Early Irish Law Series, v. 3. Dublin: Dublin Institute for Advanced Studies, 1988.

NEMECKOVÁ, Hana. ***Aided Derbforgaill: Recurrent Motifs in the Ulster Cycle and Their Relation to the Status of Women***. Tese (Bacharelado em Artes) – Univerzita Karlova, Praga, 2016.

NÍ BHROLCHÁIN, Muireann. **An Introduction to Early Irish Literature**. Dublin: Four Courts Press, 2009.

_____. **Women in Early Irish Myths and Sagas**. The Crane Bag, v. 4, n. 1, Images of the Irish Woman, 1980, p. 14.

MAC CANA, Proinsias. **Women in Irish Mythology**. The Crane Bag, v. 4, n. 1, 1928, pp. 7-11.

MCCONE, Kim. **Pagan past and Christian present in Early Irish literature**. Maynooth: An Sagart, 1990.

Ó CORRÁIN, Donnchadh. **Creating the past: the early Irish genealogical tradition**. Peritia, v. 12, 1998, pp. 177–208.

_____. Marriage in early Ireland. In: COSGROVE, Art (Ed.). **Marriage in Ireland**, Dublin: College Press, 1985, pp. 5-24.

_____. Women and the law in early Ireland. In: O'DOWD, Mary; WICHERT, Sabine (Ed). **Chattel, servant or citizen: women's status in church, state and society**. Belfast: Institute of Irish Studies, Queen's University, v. 19, 1995.

_____. Women in Early Ireland. In: MAC CURTAIN, Margaret; Ó CORRÁIN, Donnchadh (Ed). **Women in Irish Society: The Historical Dimension**. Connecticut: Greenwood Press, 1979.

Ó CRÓINÍN, Dáibhí. **Early Medieval Ireland (400-1200)**. New York: Routledge, 2013.

SANTOS, Dominique; FARRELL, Elaine. Táin Bó Cúailnge: Um Épico Irlandês. In: SANTOS, Dominique. (org.). **Grandes Epopeias da Antiguidade e do Medievo**. Blumenau: Eifurb, 2014.

SCOTT, Joan. **Gender: A Useful Category of Historical Analysis**. *The American Historical Review*, vol. 91, n. 5, 1986.

STEBLAY, Laura. **A Woman Wielding Words: The Role of the Woman-Poet and Woman-Prophet Fedelm in the *Táin Bó Cúailnge***. *Postgraduate English: A Journal and Forum for Postgraduates in English*, n. 27, 2013.

WROBLEWSKI, Erik. **Fragmentação e Unidade Política na Irlanda Tardo Antiga: O caso da Táin Bó Cúailnge**. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

_____. **Táin Bó Cúailnge: Versões e Background Histórico**. *Revista Vernáculo*, v. 1920, 2007.